

Torres Feijó, Elias. Lisboa, Passagem de Poetas e Escritores Estrangeiros/
Destination Lisboa: Destination Lisboa: The City Seen through the Eyes of
Visiting Writers. Lisboa. Festival dos Oceanos; Câmara Municipal de Lisboa,
2000.

LISBOA, PASSAGEM DE POETAS E ESCRITORES ESTRANGEIROS

***DESTINATION LISBOA:
THE CITY SEEN THROUGH THE
EYES OF VISITING WRITERS***

Elias Torres Feijó



Índice • Index

Carta- Depoimento de visitantes apaixonados <i>Testament from infatuated visitors</i>	11
Apresentação do Roteirista <i>Introduction to the narrator</i>	17
Itinerário A <i>Route A</i>	33
Itinerário B <i>Route B</i>	42
Bibliografia <i>Bibliography</i>	57



O desenho do Festival dos Oceanos 2000 pretende colocar Lisboa no plano universalista e multicultural que tem sustentado a Cultura Portuguesa: Lisboa, porta para o mundo, elo entre as múltiplas regiões e entre todos os continentes, ponte lançada aos povos a quem une um rio que a todos acolhe, sem olhar a condição ou a títulos.

Na rota destes propósitos não poderiam deixar de voltar a estar presentes os Roteiros de Lisboa e entre os seus vários temas este percurso a que chamámos *Lisboa, Passagem de Poetas e Escritores Estrangeiros*. Da autoria do professor galego Elias Torres Feijó, foi a um conhecedor, a um amante e a um curioso insaciável que entregámos a investigação desta cidade, das prosas e das poesias dos que a visitam ou visitaram e dos que por ela transitaram.

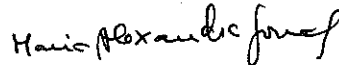
Composto de três distintas partes, encontramos a abri-lo a «Carta-depoimento de Visitantes apaixonados para Visitantes que a isso aspirarem», um conjunto de opiniões autorizadas sobre a cidade, um modo expedito de aguçar o interesse do leitor, de o predispor favoravelmente para a leitura, para a cidade;

Segue-se-lhe um passeio introdutório quer à pessoa do seu narrador — com todo o orgulho Galego — e ao seu estilo, quer aos lugares maiores desta nossa Lisboa, aos mais evidentes, menos esconso e labirínticos, mais imponentes;

Por fim, eis-nos perante dois itinerários (A e B) claramente desenhados, efectivamente de eleição: do Galego que se perde em revelações e descobertas muito pessoais e saudosas e de um número considerável de prosadores e poetas de nacionalidades várias que vão compondo, palavra a palavra, este percurso.

Ao terminarmos a leitura ficamos a pensar se será por ser tão bela e tão diversa, tão cosmopolita e tão típica que Lisboa fez acorrer tão distinta gente a fazer correr tanta elogiosa tinta ou se a beleza desta cidade parece maior, agora, depois de lidas as palavras deste roteiro onde não falta — a propósito do desenho dos locais e da arquitectura dos percursos — a recriação da História, a invenção de estórias, a composição de poesias e prosas e depois os odores, os ruídos e a aspereza dos quotidianos desta capital que a tudo e a todos resiste.

Vereadora do Pelouro do Turismo
da Câmara Municipal de Lisboa


(Alexandra Gonçalves)

The Festival of the Oceans 2000 aims to locate Lisboa on the international and multicultural plane that has always characterised Portuguese Culture: Lisboa, the gateway to the world, the link between regions and continents, the bridge reaching out to different peoples and uniting them into a flowing river that welcomes all, regardless of class or rank.

This is a theme which could not fail to be addressed by the Guides to Lisboa, and in particular by the itinerary we have decided to call "Destination Lisboa: the city seen through the eyes of visiting writers". It was to the Galician writer, Professor Elias Torres Feijó - connoisseur, aficionado and insatiable inquirer - that we entrusted the investigation of the city, and of the poetry and prose of those who have visited or passed through it.

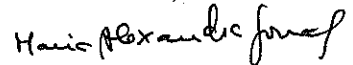
The Guide is in three distinct parts and begins with a "Testament from infatuated visitors to those who hope to become so", a collection of authors' opinions about the city to awaken the reader's interest in the literature and the city.

There then follows an introduction, both to the narrator himself - done with typical Galician pride - and his style, and to the most significant places in Lisboa - the most prominent, the least hidden away, the most imposing.

Finally, we come to two clearly laid out itineraries (A and B) to choose between: that of the Galician, who absorbs himself in highly personal revelations and discoveries; and that of a large number of writers and poets of different nationalities who build up the itinerary for us, word upon word.

Our reaction at the end is to wonder whether it is because Lisboa is so beautiful and so diverse, so cosmopolitan yet so traditional, that so many different people have expended so much ink in its praise. We feel, too, that the city's beauty has been enhanced by reading this guide which - in its depiction of places and design of itineraries - is not found wanting in its summoning up of history, telling of stories, and composition of poems and prose, nor in the way it evokes the day-to-day smells, sounds and hurly-burly of this capital city that has withstood everything and everybody.

City Councillor for Tourism
Lisboa City Council


(Alexandra Gonçalves)

**LISBOA,
PASSAGEM DE POETAS
E ESCRITORES ESTRANGEIROS**

*DESTINATION LISBOA:
THE CITY SEEN THROUGH THE
EYES OF VISITING WRITERS*

Elias Torres Feijó



LISBOA, PASSAGEM DE POETAS
E ESCRITORES ESTRANGEIROS

Por Elias Torres Feijó

*Carta-depoimento de Visitantes apaixonados para
Visitantes que a isso aspirarem.*

Minhas Muito Prezadas Amigas, Meus Muito
Prezados Amigos:

Queria, antes de mais, que ouvissem algumas autorizadas opiniões sobre a cidade. Dei-me à liberdade de aqui, nesta Estufa, convocar algumas pessoas e algumas personagens para falarem dela. Autorizadas, claro. Não como a de Barbara Cartland, que aqui situou uma aventura amorosa e resumiu Lisboa a que as «pessoas são sorridentes e acolhedoras, o peixe fresco e delicioso, e os restaurantes», e a que «as igrejas que têm uma atmosfera que reflecte a fé dos seus habitantes, a qual permaneceu inalterada ao longo dos séculos». E a «estreitas vielas da Cidade velha percorridas por uma multidão colorida de turistas, ruidosos vendedores de lotaria, cantores de rua cegos, com as suas guitarras, e vendedores ambulantes de fruta, com os seus carros de mão», de resto, podendo passar-se o romance em Lisboa ou na sala de jantar do seu palácio... Nem a de Fielding, admirado escritor, até que inaugurou o subgénero «contraste longe-perto» na descrição da cidade, que depois vários haviam de acompanhar, já oportunidade teremos de verificá-lo, consistente em dizer bem de Lisboa ao longe e mal quando perto:

«Como as casas, os conventos, as igrejas, etc., são edifícios grandes e de pedra branca, parecem muito belos à distância; quando nos aproximamos e vemos que são destituídos de quaisquer ornamentos, toda a impressão de beleza logo se desvanece.»

E é quase tudo porque logo foi para a cova. Há lugar para a ironia e a ternura. Ouçam esta do Gerrit Komrij: «Uma cidade que se preza não anda todos os anos substituindo o mobiliário das suas ruas. [...] Lisboa é uma cidade nítida, sem lixo ou imundície. Crescem aí palmeiras e laranjeiras. É boa para se andar nas calmas. O empedrado apresenta-se impecável. Misericordiosa, ela guarda os mendigos na palma da sua mão.» Outros, pelo contrário, e talvez em épocas de interesse político, falaram coisas espantosas. O

DESTINATION LISBOA: THE CITY
SEEN THROUGH THE EYES
OF VISITING WRITERS

By Elias Torres Feijó

*Testimony by enraptured visitors to the would-be
enraptured.*

My dear esteemed friends,

I would first of all give me great pleasure if you listened to some opinions of authority on this city. I have taken the liberty of gathering here in this greenhouse some figures to speak about it. Persons of authority, of course. Not Barbara Cartland, who set one of her amorous adventures here and reduced Lisbon to sentences such as "the people have a smile on their face and are hospitable, the fish is fresh and delicious, and the restaurants..." and "the churches which have an atmosphere that reflects the faith of its inhabitants, which has remained unaltered throughout the centuries". And to the "narrow alleyways of the old town peopled by a colourful multitude of tourists, noisy lottery ticket sellers, blind street singers with their guitars and mobile fruit sellers with their pushcarts", whereby one must say that her novel could be set in Lisbon or in the dining room of her palace, for it would make no difference...

Nor Fielding, a much admired writer until he gave rise to the "near/far contrast" sub-genre for describing the city, which was later adopted by various others — and we will later on have an opportunity to verify this — and which consisted of praising Lisbon from a distance and disparaging it when up close:

"As the houses, convents, churches, etc. are large edifices of white stone, they appear very beautiful from a distance; when we approach them, however, we see that they are destitute of any ornamentation and the whole impression of beauty immediately vanishes."

And that was practically all because shortly afterwards he was lying six feet under. But there is space for irony and tenderness. Listen to this by Gerrit Komrij: "A city that is proud of itself does not go about replacing the furnishings of its streets every year (...). Lisbon is a bright city, without litter or filth. Palm and orange trees grow there. It is a good city for taking things

Gonzalo, do *Burlador de Sevilha*, de Tirso de Molina, considerava-a a oitava maravilha do mundo, tecendo um dos maiores elogios de Lisboa que eu já tenha ouvido, para ele equivalente a dez Romas...

E não ficou atrás D. Miguel de Cervantes, de visita à cidade nos seus *Trabalhos de Persiles e Segismunda* quando uma personagem exclama, à vista de Lisboa: «Alvíssaras, senhores, alvíssaras peço e alvíssaras mereço! Terra! Terra! Ainda que melhor fosse dizer Céu! Céu! Porque com toda a certeza estamos na paragem da famosa Lisboa!» Diz-se na obra maravilhas dos lisboetas. Todos são agradáveis, corteses, liberais e namorados, porque discretos, da que é considerada a maior cidade da Europa.

A admiração já vem de muito atrás. Devo dizer que das melhores e maiores definições encontrei nos muçulmanos que há muito dela falaram. Arrazi, no século X, afirmava que Lisboa juntara em si as bondades do mar e da terra. E Ibne Saíde, no século XIII, via Lisboa como a «noiva na sua alcova nupcial».

Lisboa, fenícia, ou grega, ou romana, a tudo aberta, para todo o sempre, fundada por Ulisses. Só um céptico como Dante não acreditava em ser Ulisses fundador. Quem podia ser, se não, desta Ítaca de tantos!

Com quantas saudades deixariam esta terra mouros e judeus! Saudades como as de François Baradez ou a de Ana Cristina César:

«Não encontro
no meio de todas essas histórias
nenhuma que seja minha.
Nenhum desses temas me consola.
Espero ardentemente que me telefonem.
Espero que a chuva pare e os trens voltem
a circular.
Espero como se estivesse em Lisboa
e sentisse saudades de Lisboa.»

E com quantas saudades imaginou Baudelaire a cidade incógnita, «Any Where out of the World»: «Dize-me tu, minha alma, pobre alma friorenta, que pensarias tu de viver em Lisboa? Deve lá fazer calor, e podias regalar-te como um lagarto. A cidade ergue-se à beira d'água; dizem que é construída de mármore, e que o povo tem tanto ódio ao vegetal que arranca todas as árvores. Eis uma paisagem a teu gosto; uma paisagem feita de luz e de mineral, com o líquido para os reflectir!» Ou como a procurou Søren Ulrik Thomsen: «Tenho viajado para encontrar o Homem — ou um deus?

calmly. The pavements are in an impeccable state. Merciful, Lisbon holds her beggars in the palm of her hand".

Others, on the other hand, and perhaps in eras of political interest, said amazing things. Gonzalo, from the Burlador de Sevilha (The Swindler of Seville) by Tirson de Molina, saw the city as the eighth wonder of the world and he sang one of the greatest songs of praise to Lisbon I have ever heard. For him it was the equivalent of ten Romes... And Cervantes was not to be outdone by him. He visited the city in his Trabajos de Persiles y Segismunda, in which he has one character, upon seeing Lisbon, exclaim: "Rewards, gentlemen, rewards I ask for and rewards I deserve. Land! Land! Although it would be better to say Heaven! Heaven! Because with all certainty we have arrived in illustrious Lisbon!" He praises the marvels of Lisbon in this work. All the people are pleasant, courteous, liberal and discreet lovers of that which is considered the greatest city in Europe. The admiration goes back much further. I should tell you that some of the best and greatest expressions of such admiration I found in the work of Arabs who wrote of Lisbon a long time before Cervantes. In the 10th century, Arrazi claimed that Lisbon united in itself the goodness of the sea and the land. And Ibn Said, in the 13th century, saw Lisbon as a "bride in her nuptial alcove". Lisbon — Phoenician, or Greek, or Roman, open to all, for always and ever, founded by Ulysses. Only a skeptic such as Dante did not believe that Ulysses was the city's founder. If not he, who else could have founded this Ithaca to so many! With how much longing would Moors and Jews alike have to leave this place! Longings like those of François Baradez or Ana Cristina César:

*"I do not find
amongst all those stories
one that is mine.
Not one of those themes consoles me.
I arduously wait for them to call me.
I wait for the rain to stop and the trams to
circulate again.
I wait as if I were in Lisbon
And were yearning for Lisbon."*

And how great was Baudelaire's yearning when he imagined the unknown city in "Any Where out of the World": "Tell me, my soul, poor chilled soul, what do you say to living in Lisbon? It must be very warm there, and you would bask merrily, like a lizard. It is by the sea; they say that it is built of marble, and that the people have such a

Para encontrar Deus e um homem.
Mas isso não posso discutir consigo,
senhor elegante e idoso do café,
onde bebo o meu chá com leite à noitinha.
Porque venho de um país
onde se escuta a forte ventania do Inverno
e a tempestade nas têmeoras.
E falo uma língua,
em que deus significa homem e homem deus.
E nessa língua está escrito o poema:
Dela tudo depende.»

Para Giraudoux: Lisboa era «uma cidade que abre e fecha como um leque». Já vão vendo quantos viajantes e sonhadores Lisboa teve que dela deixaram testemunho. Muitos alemães, por sinal. Ehrhardt conta-nos as primeiras notícias que de Portugal foi havendo na Alemanha já desde o século XVI. E ingleses, muitos ingleses. Macaulay deu-nos de alguns conta. Franceses também; meu admirado Daniel-Henri Pageaux dá relação e estudo dos que andaram por cá entre 1700 e o ano do terramoto; e de Gobineau também. São muitos, certamente. Mas assistamos agora a um encontro importante: o professor Kuckuck e Félix Krull acabam de conhecer-se nas Confissões deste último, que Thomas Mann nos transmite. Imediatamente depois de saber que o Félix para aqui vem, o director do Museu de História Natural de Lisboa recomenda: «Espero que não visite Lisboa demasiado rapidamente. Foi a cidade mais rica do Mundo, graças às suas viagens de descobertas. Que pena que não tenha vindo cinco séculos mais cedo! Teria nessa época encontrado a cidade a cheirar ao perfume das especiarias importadas dos reinos de além-mar, e manejando o ouro às pazadas.» Quem veio não cinco, mas quase nove séculos antes foi Osb, Osberno, cruzado de origem incógnita, talvez inglês, que agora está escrevendo no seu latim, no nosso português nós o lemos, que Lisboa é o mais opulento centro comercial de África e boa parte da Europa, que os terrenos de Lisboa, bem como os campos adjacentes, podem comparar-se aos melhores, e que a nenhum são inferiores, pela abundância de solo fértil, quer se atenda à produtividade, quer à das vinhas. Diz que tem todas as mercadorias; ouro e prata; que ferreiros não faltam, que nela prospera a oliveira; e há sal, figos, limões, boa e variada caça. E ainda informa que «nos seus pastos as éguas reproduzem-se com admirável fecundidade, por quanto só com aspirar as auras concebem do vento, e, depois, sequiosas, têm coito com os

horror of vegetation that they uproot all the trees. There is a landscape that would suit you — made out of light and minerals, with water to reflect them."

Or, as Søren Ulrik Thomsen sought to capture it: "Have I travelled in search of Man - or a god? In search of God and a man. But I cannot discuss this with the old and elegant man at the café In which I drink my evening tea with milk. For I come from a land, where we listen to the fierce winter storm And the howling gale in our heads. And I speak a language, In which god means man and man god. And in that language this poem is written: And with it may it stand or fall"

To Giraudoux Lisbon was "a city that opens and closes like a fan".

You are gradually seeing how many travellers and dreamers Lisbon has received and who have left record of the city. Many Germans, it so happens. Ehrhardt tells us of the first news reaching Germany from Portugal from as far back as the 16th century. And Englishmen, many Englishmen. Macaulay gives us insight on some of them. And the French, too: Daniel-Henri Pageaux, whom I particularly admire, studied and reported on those who travelled here between 1700 and the year of the earthquake. And Gobineau, too. They were many, that is for sure. But now let us witness an important meeting: Professor Kuckuck and Felix Krull have just met, in the famous Confessions of the latter, which Thomas Mann has bequeathed to us. Immediately after finding out that Felix is coming here, the director of the Natural History Museum of Lisbon recommends:

"I hope that your visit to Lisbon is not too short. It was once the richest city in the world, thanks to the discovery voyages. What a pity you didn't come five centuries earlier! In that era you would have found the city smelling of the perfume of the spices imported from the overseas kingdoms and handling gold by the shovelful". One who arrived not five but almost nine centuries earlier was Osb or Osberno, a crusader of unknown origin, perhaps English, who is here writing in Latin and who we now read in Portuguese. He writes that Lisbon is the most opulent trade centre in Africa and a large part of Europe; that the land of Lisbon, and the surrounding countryside, stands comparison with the best and is inferior to none, thanks to the

cavalos. Desta forma se casam com o sôpro das auras».

Digam se entre Saíde e Osberno temos nós progredido muito...

Também há momentos de tristeza e raiva. Lembro agora a «Carta a um refém» que escreve o Saint-Exupéry, desde o paraíso, sim, claro, mas triste, que lhe parecia aquela Lisboa da Guerra a ela indiferente...

Nesta série de depoimentos ouçamos qual a Lisboa do casal norte-americano de Hewitt, que há pouco construiu *Uma Casa em Portugal*:

«Para Barbara e para mim a cidade era uma confusão de sensações. Os cafés, os museus, as galerias, tudo isso era um bálsamo civilizado para a rusticidade crescente da nossa existência quotidiana. Adorávamos passear nos vários jardins públicos de Lisboa, dando de comer aos pombos ou saboreando um bolo à sombra das palmeiras e figueiras. Ou então percorríamos as estreitas ruas empedradas da Baixa, onde as travessas tinham os nomes dos ofícios noutros tempos exercidos nas lojas que ainda ladeavam os passeios.

Se nos sentíamos com mais energia, subíamos as colinas íngremes e maravilhávamo-nos com o panorama eclético de telhados, pátios, castelos e o rio lodoso, de tonalidades douradas, que corria em baixo.»

Coitada, o que esta cidade e os seus têm sofrido! Assaltos, incêndios, inundações, e terramotos. Sobretudo aquele de 1755, no dia de Todos os Santos. Mal Candide e Pangloss põem o pé na cidade, treme a terra debaixo dos seus pés. E é que tudo parecia pressagiar uma desgraça...». O seu barco fora assaltado pela mais horrível das tempestades, mesmo à vista do porto de Lisboa.» E no *Cândido* diz-se-nos que após o tremor de terra que destruiu três quartos de Lisboa, os sábios do país não encontraram meio mais eficaz para prevenir a ruína total da cidade que dar ao povo um belo auto-de-fé; fora decidido pela Universidade de Coimbra que «o espectáculo de várias pessoas queimadas a fogo lento, com grande cerimonial, era um segredo infalível para impedir a terra de tremer». Francamente, do melhor que o terramoto teve foi levar por diante o Palácio da Inquisição... Mas a ideia de proibir logo safa, e convertida a Censura em laica (alguma coisa avançava) a Real Mesa Censória proibia a circulação do *Cândido* de Voltaire, em 1769, dez anos após a sua saída (e quase tudo permanecia como sempre...).

abundance of fertile soil, whether in terms of agricultural productivity or the growing of wine. He writes that it has all the merchandise: gold and silver; that there is no lack of blacksmiths, that the olive tree thrives here; and that there is salt, figs, lemons, good and diverse game. And he also informs us that "in its pastures the mares reproduce with remarkable fruitfulness, for just through breathing the breeze they are made fruitful by the wind and, afterwards, fervent, they have coitus with the horses. This way they unite through the breeze".

So tell me if, between Said and Osbernus, we have progressed much...

There are also moments of sadness and fury. I would remind you of the "Letter to a Hostage", which Saint-Exupéry wrote from the "paradise" of the wartime Lisbon. To him it was a sad paradise, as it remained indifferent to the war...

In this series of testimonies let us now hear of the Lisbon of the Hewitts, an American couple who recently built a Cottage in Portugal:

"For Barbara and me the city was a confusion of sensations. The cafés, the museums, the galleries, all this was a civilised balm for the growing rusticity of our daily life. We loved walking in the various public gardens of Lisbon, feeding the pigeons or enjoying cake in the shadow of the palms and fig trees. Or we would walk through the narrow paved streets of the Baixa, which bore the names of crafts of days gone by carried out in the shops that still flanked the sidewalks. If we felt more energetic, we would climb the steep hills and marvel at the eclectic panoramic view over roofs, patios, castles and the muddy river in tones of gold that ran down below".

Poor thing, how this city and its citizens have suffered! Sieges, fires, floods and earthquakes. Above all, the earthquake of 1755 on All Saints' Day. Candide and Pangloss had hardly set foot in the city when the earth beneath them started to tremble. And everything seemed to point to disaster... "Their boat was assaulted by the most horrific of storms, with the port of Lisbon in sight".

And in Candide we are told that, after the earthquake that had destroyed three-quarters of Lisbon, the learned in the country found no more effective way of preventing the total destruction of the city than to give the people a good old auto-de-fé; it had been decided by the University of Coimbra that "the spectacle of several people burning on a slow fire, with great ceremony, was an infallible means of preventing the earth from

O terramoto abalou a Europa intelectual da época. Aquele tremor que quase coloca Lisboa fora dos mapas colocava-a no Mundo... depois do seu século XVI. Jacomb, Chase, Frei Iluminato, Castres, Gabriele Malagrida, Richardson, Walpole, Varano, Baretti, Voltaire, Rousseau, Stoqueler, Bina, Bevis, Marchand, Goethe, Kant... eles, e muitos mais, falaram do terramoto, nos seus dizeres pondo o fanatismo, a paixão, o raciocínio, a ciência, a impressão e todos o sobrecolhimento daquele episódio. Os citados foram reunidos por Giancarlo Roscioni e Giuliana Scudder em *O Terramoto de Lisboa de 1 de Novembro de 1755*, para exporem temores e certezas, desafios e pressentimentos... Foi terrível o terramoto. Conta-o Suzanne Chantal, no seu *Romance de Lisboa*, numa Lisboa dominada pelo Catolicismo que tem nas igrejas ou perto delas toda a população, velas por todo o lado, para comemorar o dia de Todos os Santos. Falta pouco para a hora solene das dez da manhã, hora das celebrações litúrgicas principais. E daí a pouco milhares de pessoas sob as ruínas de centenas de edifícios e incêndios por todo o lado. Tremeu a terra mais vezes. Não safou o palácio do rei, que prefere morar em barraca em Belém; e olhem como boa parte desta aristocracia era parva, que até há nobres que querem viver em barracas à imitação do rei, só para distinguir-se, como Gorani nos informa.

Dizem Roscioni e Scudder que o que mais impressionava ao viajante que chegava por mar eram os campanários que apontavam para o céu, numerosíssimos, por entre as casas: Lisboa contava com mais de quarenta paróquias, muitas outras igrejas e para cima de noventa conventos. Quase tudo veio abaixo.

«Que crime, que falta cometeram estas crianças a sangrar, esmagadas contra o materno seio? Porque Lisboa que não tem mais vícios Que Londres ou Paris, mergulhadas nos prazeres Lisboa está destruída e dança-se em Paris!», clama Voltaire desconcertado, vendo que não tudo era bem.

Lisboa, que «por um momento, acreditara ser o mundo. Ou os olhos que decifravam o mundo. Ou a palavra de um poeta que faz com que as coisas aconteçam», diz-nos Sarnier, conheceu também estes infortúnios. «Lisboa é também aquela coisa entre a água e a recordação de um tremor», sentencia. Vieram depois não poucos viajantes a dizer mal das suas ruínas e misérias. Mas devem saber os amantes de Lisboa (e não em Lisboa) e aqueles que neste rito amatório (que cidade,

shaking". Honestly, the best thing that can be said about the earthquake was that it took with it the Palace of the Inquisition... But the idea that prohibition is an immediate saviour, and with the censorship now in the hands of laymen (some things did advance), the Royal Censorship Board prohibited the circulation of Voltaire's Candide in 1769, ten years after it had been published (and almost all remained as it was...).

*The earthquake unsettled the intellectual Europe of the day. The earthquake that almost wiped Lisbon from the maps also placed it at the centre of the world... for the second time (the 16th century). Jacomb, Chase, Frei Iluminato, Castres, Gabriele Malagrida, Richardson, Walpole, Varano, Baretti, Voltaire, Rousseau, Stoqueler, Bina, Bevis, Marchand, Goethe, Kant... all these, and many more, wrote at length on the earthquake, incorporating in their writings all the fanaticism, passion, reason, science, impression and all other reactions to the incident. The aforementioned were collected by Giancarlo Roscioni and Giuliana Scudder in *The Earthquake of Lisbon of 1st November 1755*, in order to express fears and certainties, challenges and presentiments... The earthquake was indeed terrible. Suzanne Chantal tells us this in her *Lisbon Novel*. In a Lisbon dominated by Catholicism, with the whole population either in or near the churches celebrating All Saints' Day, with candles all over the place. It was shortly before the solemn hour of 10 o'clock in the morning, the time for the main liturgical celebrations. And a short time later thousands of people were trapped underneath the ruins of hundreds of buildings and the were fires all around. The earth trembled repeatedly. The king's palace was not saved, but he preferred to live in barracks in Belém; and do you know that a large part of the aristocracy was so stupid that there were even noblemen who wanted to live in barracks to imitate the king, just to distinguish themselves, as Gorani informs us.*

Roscioni and Scudder tell us that what had most impressed the traveller arriving in Lisbon via the sea route was the numerous church towers pointing towards the sky from between the houses: Lisbon had more than forty parish churches, many other churches and in excess of ninety monasteries and convents. They almost all came down. "What crime, what error did these children, Crushed and bloody on their mothers' breasts, commit?

Did Lisbon, which is no more, have more vices

Lisboa, para o amor e o desamor!) se estão a iniciar, que em Hans C. Andersen tem a cidade um advogado de primeira fileira. Por todas as descrições de Lisboa com que deparei, formara para mim próprio uma imagem desta cidade, mas a realidade foi bem outra, mais luminosa e bela. Fui obrigado a exclamar: onde estão as ruas sujas que vira descritas, as carcaças abandonadas, os cães ferozes e as figuras de miseráveis das possessões africanas que, de barbas brancas e pele tsnada, com nauseantes doenças, por aqui se deviam arrastar? Nada disso vi, e quando dessas coisas falei responderam-me que correspondiam a uma época de há uns trinta anos, de que muitas pessoas se lembravam ainda perfeitamente. As ruas são agora largas e limpas; as casas confortáveis, com as paredes cobertas por azulejos brilhantes de desenhos azuis sobre branco; as portas e janelas de sacada são pintadas a verde ou a vermelho, duas cores que se vêem por toda a parte, mesmo nos barris dos aguadeiros. O passeio público, um jardim longo e estreito no meio da cidade (de Restauradores trezentos metros acima aproximadamente), é à noite iluminado a gás e aí se ouvem concertos. As árvores em flor desprendem um perfume bastante forte; é como se estivéssemos numa loja de especiarias ou numa confeitaria que preparasse e servisse gelados e baunilhas.

Era 1866 e o terramoto começava a ser um acontecimento sem testemunhas presenciais... e com a sua pegada incorporada como instrumento habitual na memória da cidade.

E depois, em toda esta Lisboa, está o fascínio da luz. «Tinha os olhos pregados no navio. Fundeado no Tejo, a alguma distância do cais, iluminava-o um clarão vivíssimo. Se bem que estivesse havia já uma semana em Lisboa, ainda não me habituara à luminosidade extravagante da cidade», começa assim Remarque a sua *Uma Noite em Lisboa*. Leva razão Pierre Kyria: «Descobrir Lisboa sob um céu cinzento, é querer forçar a porta de uma cidade austral sem ter a chave: o sol.» «Parece que tudo foi lavado com anil até ficar azuladamente brilhante» é a sentença de Gilberto Freyre ao descer do avião em viagem controvertida, convidado pelo governo de Salazar. Mas a frase é fixe para esta «nostalgia dormida» de Dos Passos!

Mais nada. Vamos agora, se quiserem, para o Roteiro, alguma coisa de Lisboa está à espera...

Than London and Paris immersed in their pleasures? Lisbon is destroyed, and they dance in Paris!, exclaimed the disconcerted Voltaire, seeing that all was not well.

Lisbon, which "for one moment believed that it was the world; or the eyes that deciphered the world: or the word of a poet that makes things happen", as Sarner tells us, also experienced these misfortunes. "Lisbon is also that thing between the water and the memory of a tremor", is the sentence he pronounces. Afterwards not a few travellers came and spoke ill of its ruins and the misery. But the lovers of Lisbon (not only those in Lisbon) and those who are only now becoming initiated in this rite of love (Lisbon, a city that you either love or hate) should know that in Hans C. Andersen the city has a first-rate advocate. "From all the descriptions I had had of Lisbon, I had, of course, a picture in my mind's eye of what it would be like, but the light, fair city I now saw in reality was quite different. I could not but exclaim, Where are the filthy streets I had read about, filled with garbage, the wild dogs and the wretched figures from the African colonies, who are supposed to wander about with their white beards and black skins, suffering from horrible diseases? I saw nothing of this, and when I asked about it, I was told that this sort of thing belonged to a period about thirty years ago. Many people remembered it well. But there are broad, clean streets, friendly houses, their walls decorated with clean porcelain tiles, patterned in blue and white and doors and balconies painted green or red. These two colours are seen everywhere, even on the water-carriers' barrels. The public promenade, a long narrow garden in the centre of town, is lit by gas in the evenings; there is a band, and from the flowering trees streams a perfume that is really almost too strong — it is just as if one were standing in a spice-shop or a confectioner's where they have produced fresh-made vanilla ice-cream." This was in 1866, by which time the earthquake had gradually become an incident without any living witnesses... and one that had left its mark as an everyday instrument in the memory of the city.

And then, all over this Lisbon, there is the fascinating aspect of the light. "My gaze was fixed on the ship. At anchor on the Tagus, some distance from the quay, it was bathed in the brightest of lights. Although I had been already one week in Lisbon, I had still not become used to the extravagant luminosity of the city", is how

Bom dia tenham, prezadas/os:

Cá estou, à sombra da Estufa Fria. Vim para aqui, porque ela é lugar fresco para estes dias de Sol. Apresento-me: sou Galego, o galego. Antigamente a palavra servia para designar depreciativamente os meus compatriotas da Galiza, e, por vezes, todo o que não fosse lisboeta ou da aldeia própria era galego; e toda a classe de ofícios que alguns dizem baixos eram de galegos: cadeirinha, aguadeiro, moço de corda. Levo séculos em Lisboa; na realidade, antes de Portugal existir já nós cá estávamos: viemos com um que queria ser rei, Afonso Henriques, e chegámos a ser dezenas de milhares nesta Lisboa dos nossos pecados. A Galiza teve de seguir outros rumos, mas nunca esquecemos. Se não acreditarem, perguntem ao célebre John dos Passos, que muito escreve sobre os três primeiros séculos deste País em que estamos...

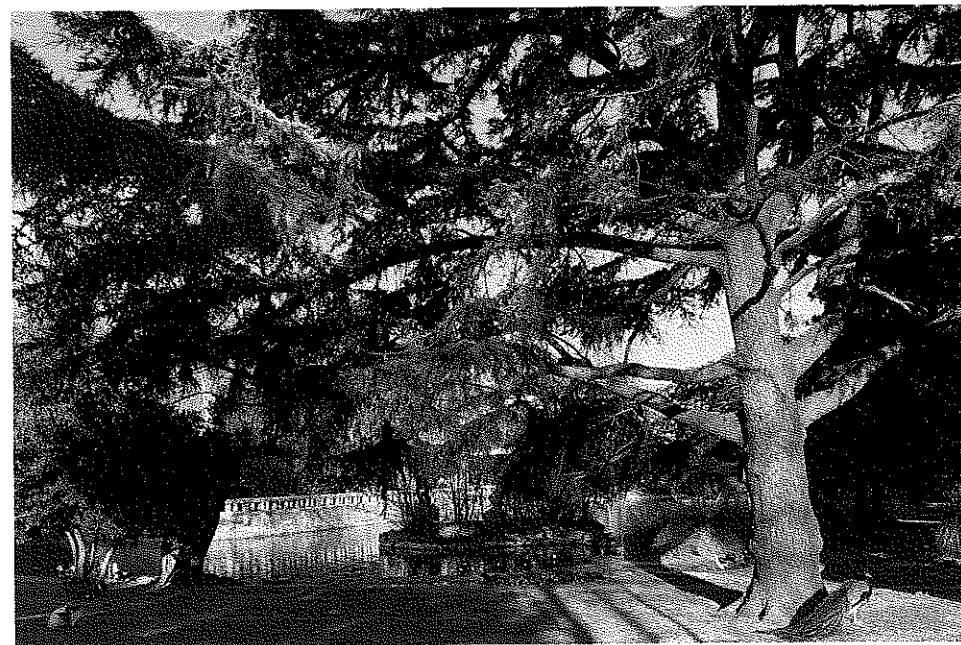
De nós, galegos, cá em Lisboa, os estrangeiros costumam falar bem. O implacável Carrère, por exemplo, que por vezes dá a impressão de ter vindo para Lisboa com a intenção de dizer mal dos lisboetas (e com a fundamental de fugir da França, no ano de 1796), considerou-nos gente

Remarque opens his The Night in Lisbon. Pierre Kyria was right when he said: "Finding Lisbon under a grey sky, is like wanting to force upon the door of a southern city without the key: the sun".

"It looks as if everything were washed in indigo until it shone in its blueness" is what by Gilberto Freyre said as he got off the plane on his controversial journey at the invitation of Salazar's government. But the sentence is typical for what dos Passos calls this "sleepy nostalgia"! But enough of that. Let us now, if you will, turn to the guide. Lisbon awaits us...

Good day, dear friends,

Here I am, in the shade of the Estufa Fria greenhouse. I have come here, because it is the cool place to be on these days of summer heat. Allow me to introduce myself: I am Galician, the Galician. The word was formerly used pejoratively



Estufa Fria
Estufa Fria

altiva e decidida, de «orgulhosa tranquilidade»: «Existe em Lisboa uma raça de gente que se destaca da restante: forte, altiva, nervosa, cheia de vigor, expedita, ágil — sempre de cabeça erguida, o olhar vivo, aspecto altivo e decidido.» A muito nobre Maria Ratazzi também de nós falou bem, quase nos termos de Carrère. Damas como Léonore e Clémentine, que Sade desembarcou em Lisboa e alojou na Buenos Aires à Estrela no seu *Romança Filosófico*, nunca de nós se queixaram... tratando-nos sempre com respeito e até admiração.

Como já podem calcular, por causa de alguns dos meus empregos tenho acompanhado vida, obra, milagres alguns, dos muitos viajantes que por cá andaram, e conheço por onde ainda se escondem algumas das personagens que ficaram para sempre à solta na cidade. Muitas outras, infelizmente, não poderão vir, que o sítio não dá para todos... Vamos contar algumas estórias... Antigamente, para cantar cidades ou heróis, punha aqui o poeta seu exórdio e invocava as forças que pudessem vir na sua ajuda. Gostava eu de tentar aqui falar à Saramago porque o seu estilo se adequa bem a estes passeios, mas fraquejarei na tentativa; e peço subsídio a Fernão Lopes, assistência a Vieira, pena fácil e sugestiva a Camilo; e aos meus Castelao e Cunheiro, já não podendo imitá-los, ao menos eles me amparem...

Tão à-vontade estou nesta **Estufa Fria** que fico a falar e as pessoas ficam é enfastiadas. «Rainha incontestada dos jardins e dos parques de Lisboa, a Estufa Fria conseguiu, em cinco decénios de existência, alcançar quase o cúmulo da sua perfeição. Conseguiu ser, hoje, no meio do bulício da capital portuguesa, um autêntico, portentoso, pequeno Éden»; concordo com Jean Pierre Chabloz. Projectada por Raul Carapinha, inaugurada em 1930, a Estufa Fria, «o lugar», precisava Gilberto Freyre, onde «os trópicos se deixam acariciar por olhos europeus».

Gosto também muito deste **Parque Eduardo VII** que comemorou, um bocadinho tarde, é verdade, a visita do rei britânico nos começos do século XX. Já o Reinhold Schneider está a comentar, 1928, que o projecto de parque e da praça de aí em baixo foram olvidados; também é verdade, mas viesse um pouquinho mais tarde e veria como em Lisboa «olvidado» costuma ser sinónimo de «adiado», seu ingratinho... Ora, vamos. Cá está a **Praça do Marquês de Pombal**. Do seu alto, contempla Sebastião José a sua obra, a Baixa. Já lá iremos. Estamos agora aqui, neste

for my compatriots from Galicia and, at times, everyone and everything that was not from Lisbon or was from the country was Galician; and all kinds of professions that some considered to be lowly were Galician: sedan chair bearer, water carrier, rope boy. I have been in Lisbon for centuries; the truth is we were here before Portugal even existed. We came with the one who would be king, Afonso Henriques, and soon there were tens of thousands of us in this Lisbon of our sins. Galicia was later forced to take a different path, but we never forget. If you don't believe me, ask the famous John dos Passos, who has written much about the three first centuries of Portugal... Of us Galicians here in Lisbon the foreigners usually spoke well. The relentless Carrère, for example, who sometimes gave the impression that he came to Lisbon with the mere intention of speaking ill of the Lisboetas (and for the fundamental reason of escaping from France in the year 1796), considered us a confident and strong-minded people with a "proud tranquillity":

"There is in Lisbon a race of people that stands out from the rest: strong, confident, impulsive, full of vigour, nimble, agile — always with their head held high, their eyes alive and a confident and strong-minded aspect."

The very noble Maria Ratazzi also spoke well of us, in practically the same words as Carrère. Ladies such as Léonore and Clémentine, who, in de Sade's Roman Philosophique, disembarked in Lisbon and stayed at the Buenos Aires in Estrela, never had reason to complain about us... and always treated us with respect and even admiration. As you can imagine, thanks to some of my employments here I have accompanied the life, work, even some miracles, of the many voyagers who have travelled here, and I know where the resting places of some of the personages who stayed for eternity are still to be found around the city. Many others, unfortunately, could not come, for the place is not large enough for them all... Let us tell some stories... In olden days, to sing the praise of cities or heroes, the poet would write his exordium, invoking the forces that could come to his help. I would very much like to use the language of Saramago, because his style adapts well to these tours of the city, but I would only fail. So I call for help from Fernão Lopes, for assistance from Vieira, for the free-flowing and creative style of Camilo; and from my own Castelao and Cunheiro, as I can no longer imitate them, I at least ask that they lend me their support...

turbilhão de carros (à direita, na Alexandre Herculano, está no engarrafamento Firmino, da *Cabeça Perdida de Damasceno Monteiro*), com a presença deste primeiro-ministro esclarecido de D. José, terceiro quartel de Setecentos. A este, o terramoto solucionou-lhe algumas despesas de derrubos citadinos... Modernizar Lisboa foi o seu principal activo e a alta nobreza o seu alvo principal. Cá à conversa, quase não reparava que aí vem o Félix Krull, que neste 1895 acaba de chegar à cidade para se instalar no Savoy Palace, aqui mesmo na **Avenida da Liberdade**, e que, ouçamos, agora descreve:

«Uma grande e vasta avenida desenrolou-se perante nós — a Avenida da Liberdade, uma das mais magníficas artérias que eu vi em toda a minha vida, com três corpos, tendo no meio uma larga via para carros e cavaleiros, bordada de cada lado de duas soberbas áleas bem calcetadas com canteiros floridos, estátuas e fontes. Neste Corso luxuoso encontrava-se o meu quartel-general, na verdade, um palácio. Que diferença entre a minha chegada lá e a entrada lastimável, outrora, na casa da Rua de Saint-Honoré, em Paris!»

Cada fonte ou estátua ou prédio é um retalho da

I feel so at ease here in the Estufa Fria that I could keep on talking and you would end up bored. "The undisputed queen of the gardens and parks of Lisbon, the Estufa Fria, in the five decades of its existence, has managed to reach almost the zenith of its perfection. Today, in the midst of the hustle and bustle of the Portuguese capital, it has managed to become an authentic, extraordinary little Eden"; I agree with Jean Pierre Chabloz. Designed by Raul Carapinha and opened in 1930, the Estufa Fria is, as Gilberto Freyre aptly put it, "the place where the tropics are caressed by European eyes".

I also like very much this park, Parque Eduardo VII, laid out (admittedly a little late) to commemorate the visit of the British king at the beginning of the 20th century. Reinhold Schneider was already commenting in 1928 that the project for the park and the plaza below it had been forgotten. This, too, is true, but if he had come a little later he would have seen that in Lisbon "forgotten" is just another word for "postponed", the ungrateful... Well, let's just move on, shall we?

Here we are at the Praça do Marquês de Pombal. From his vantage point high on top, old



Avenida da Liberdade
Avenida da Liberdade

memória lisboeta. Pierre Kyria vê nesse cisne, ao meio do passeio central com as suas plumas ao sol, o símbolo da cidade insólita que se avizinha, o cisne de Baudelaire aqui exilado. Aquele ali a abrir as suas janelas é Larbaud para contar aos amigos as grinaldas odorosas do passeio por onde entra o sol. Olhará desde aí o Parque Mayer, jardins, teatros de revistas e memórias pela Rua do Salitre.

«Pela Avenida da Liberdade as luzes se acendem em romaria, como em Cesário, como em teus olhos livres, Maria Clara, clara maria. No vale escuro das muralhas se esconde a flor que teu povo sonhara, a flor que, como o teu nome, tem a mesma luminosidade maria, Maria Clara»,

cantará tempo mais tarde Carlos Felipe Moisés. Espero que o tempo esteja bom e possam vir ter aqui, a alguma destas esplanadas, tomar um copo. No Verão é bom. Pior é ver estas mesmas esplanadas no Inverno, dá tristeza vê-las molhar, «estoicamente» isso sim, como diz o contador de *Um Homem Que Jazeu Aqui*, do Aníbal C. Malvar, à espera de «épocas de maior esplendor», como agora esta é, sim senhor, sejam bem-vindos, é o caso.

A Avenida. Se Andersen pudesse por Lisboa aparecer, em 1879, assistiria aos trabalhos que vão reformar o Passeio Público que ele viu e antes inaugura Pombal, 1764, em Avenida da Liberdade. Antes era isto um jardim «grande, bonito e asseado», no dizer de Carl Israel Ruders, que o olhou para nós nos finais do século XVIII, e, em 1834, converteu-se em Passeio Romântico... Já cá estamos entrando na **Praça dos Restauradores**, Pátria agora livre, 1640, que inveja para outros, e o Palácio Foz «com uma fachada inglesa e um tecto de ardósia e salas cheias de tapetes», ouvimos desde *O Rancor e as Nuvens*, Tabucchi.

São aqui duas as hipóteses. Podem continuar até ao Rossio; já aí está. Ou então pegar neste elevador que ficou aí atrás, à nossa direita. Vai para o Bairro Alto. Parece que apetece. Vamos? Vamos.

Não dá para muito tempo a viagem neste elevador, ao seu serviço desde 1885. Eu, desde que li esta «oração» do Carlos Quiroga, rezo-a cada vez que subo nele, acertando-lhe o tempo, como uma promessa que é, como uma saudade que se anuncia.

«E depois pensar em ti

Sebastião José himself observes his work, the Baixa. We'll be going there later. For now we are here in this maelstrom of traffic (to the right, in Rua Alexandre Herculano, Firmino from The Missing Head of Damasceno Monteiro is stuck in a traffic jam), in the presence of King José's enlightened Prime Minister of the third quarter of the 18th century. For him, the earthquake solved some of the money problems he had in tearing down parts of the city... Modernising Lisbon was his principal credit and the high nobility his principal target. With all my talking I almost didn't notice Felix Krull, who — we are now in the year 1895 — has just arrived in the city and has taken a room at the Savoy Palace, here in this very Avenida da Liberdade. Let's listen to him describe the avenue: "A long and wide avenue stretched before us — the Avenida da Liberdade, one of the most magnificent boulevards I had seen in all my life. With three sections — in the middle a wide highway for carriages and horsemen, flanked on both sides by two superb and well-paved avenues with flowerbeds, statues and fountains. Here, in this magnificent thoroughfare, I made my headquarters, in a veritable palace. What a difference between my arrival here and my former pitiful entrance in the house on the Rue de Saint-Honoré in Paris!" Each fountain or statue or building is a remnant of Lisbon memory. Pierre Kyria sees in that swan, the one in the middle of the central walk with its feathers in the sun, the symbol of the extraordinary city we are discovering, Baudelaire's swan in exile here. That man over there is Larbaud opening his windows to count for his friends the fragrant garlands on the pavement from where the sun comes in. From there he would look over to the Parque Mayer, gardens and revue theatres across Rua do Salitre.

"On Avenida da Liberdade the lamps light up in a procession like in Cesário, like in your free eyes, Maria Clara, Clara Maria. In the dark valley of the walls hides the flower your people had dreamed of the flower which, with your name, has the same luminosity Maria, Maria Clara", Carlos Felipe Moisés would sing some time later. I hope that the weather is good, so that you can come sit at one of these street cafés for some refreshment. In summer they are ideal. It's not so nice seeing these same cafés in the winter, it saddens me to watch them getting soaked, "stoically", as the narrator in One who Lies Here

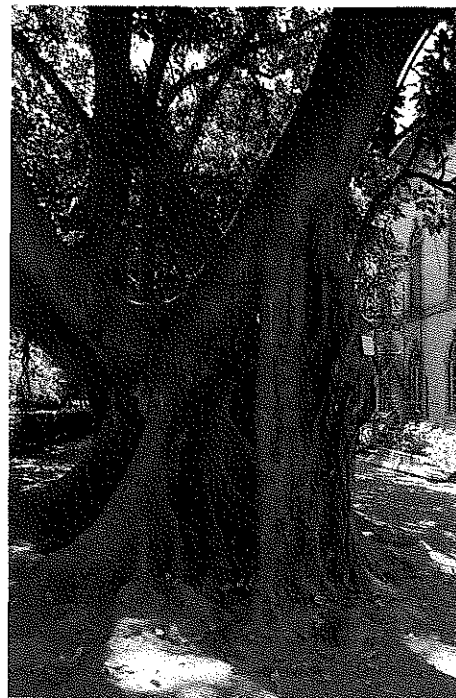
perder-me devagar no meio dum jardim botânico sem ter calculado sem prévia busca do tempo ou rota no plano como um naufrago no oceano de luz de manhã pensando como seria bom perdermo-nos a dous

E antes a Travessa-do-Fala-Só como um sorriso calmo subindo para o Bairro Alto subindo a vista sobre o mar o mar entrando grande no Tejo em que se confunde do modo como eu gostaria de confundir-me em ti

E agora a estonteante febre da beleza das plantas e dos teus olhos ausentes no trânsito do cérebro para o coração e como te rogo sem te ter tido nestas palavras que te rezam»

A Travessa do Fala-Só fica aí a meio da subida à direita. Talvez consigamos enxergar o Ricardo de Caminho Longe a entrar ou sair de alguma destas casas aonde o levou «a mão sábia» do tio Lêxe a ter com alguma daquelas mulheres «frescas e esbeltas» como ele as recorda.

Jardim Botânico, Bairro Alto, Tejo, logo virão: tudo



by Aníbal C. Malvar would say, awaiting the "season of great splendour", as indeed we are experiencing now. Yes, you are welcome to take a seat, for it is that season.

The avenue. If Andersen had appeared in Lisbon in 1879, he would have witnessed the works that would transform the Public Promenade, which he had seen and which had been inaugurated by Pombal in 1764, into the Avenida da Liberdade. Before that, this was, in the words of Carl Israel Ruders, who saw it at the end of the 18th century, a "grand, beautiful and tidy" garden, and in 1834, it was converted into the Romantic Walk... And so we arrive at the **Praça dos Restauradores**, the fatherland now free, in 1640, to the envy of others. And the Palácio Foz "with an English façade and a roof of slate and rooms full of carpets", as it is described in *The Rancour and the Clouds* by Tabucchi.

Here we have two alternatives. We could continue on to Rossio, which is right ahead. Or we could take the funicular lift just behind on the right. It goes up to Bairro Alto. That seems the better choice. Ready to go? Then go we shall. The journey in this funicular, which has been in service since 1885, is not a very long one. Ever since I read this "prayer" by Carlos Quiroga, I recite it every time I take the lift, timing the journey with it, like the promise it is, like a yearning announcing itself.

"And after getting lost in you to slowly become lost in the midst of a Botanical Garden without having planned without prior search for time or a route on the map like a castaway in the ocean of morning light thinking how good it would be to both become lost

And before the Travessa-do-Fala-Só like a calm smile ascending to Bairro Alto ascending to the view above the sea the great sea entering the Tagus, where it becomes lost the way I would like to be lost in you

And now the bewildering fever of the beauty of the plants and of your absent eyes in the transit from my brain to my heart and how I beseech you without having had you in these words that praise you"

The Travessa do Fala-Só is half-way up the hill on the right. Perhaps we might catch a glimpse of Ricardo from Caminho Longe entering or leaving

Jardim Botânico
Botanical Garden

tem o seu tempo, sabem. Agora convém é ir para este jardim e **Miradouro de São Pedro de Alcântara** e olhar. Lá em baixo a Avenida da Liberdade e Restauradores. Adivinha-se, olhando para cima, o Marquês. Ponho-lhes o Eric Sarter de música de fundo: anda por aí a Igreja do Convento da Graça, um pedaço de mar, o Castelo, a Avenida...

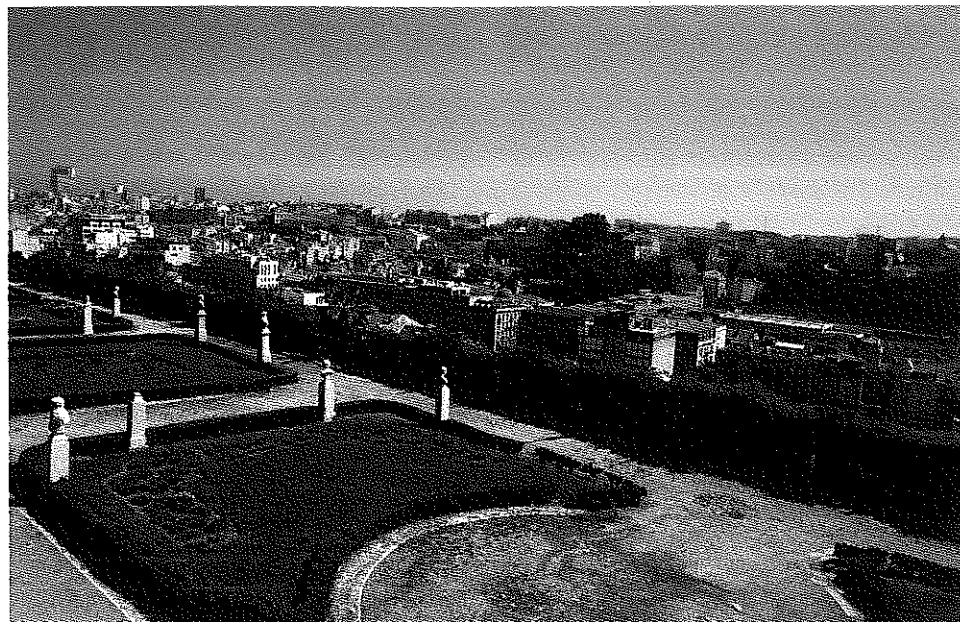
Continuemos. Fique pois a Calçada da Glória e o seu São Pedro e venham, se para vocês forem horas, uns copinhos de vinho do Porto que a sua Casa Solar está aqui mesmo em frente do elevador. Desçamos agora a Rua de São Pedro de Alcântara; e cheguemos à da Misericórdia e ao **Largo Trindade Coelho, Igreja de São Roque, Museu de Arte Sacra**.

Entrem agora na Igreja, façam favor, com o Artur Virgílio Alves Reis; *Homem de Lisboa*, ele guia: «A igreja deles era São Roque, humilde vista por fora, mas interiormente mais sumptuosa do que é possível imaginar. [...] A igreja ostentava reluzentes altares de talha dourada, colunas e altares de lápis-lazúli, balastradas de ébano, ornatos de bronze e prata, uma profusão de ágatas perfeitamente combinadas e de ametistas [...]», e, por toda a parte, a coxa chagada do Santinho. Qualquer rua à direita entra no **Bairro Alto**:

one of the houses where the "wise hand" of his uncle Lêxe led him to spend time with one of those "fresh and svelte" women, as he remembers them. Botanical Garden, Bairro Alto, Tagus, soon you will see them all: all in due time, you know. For now, we will go to the garden and belvedere of São Pedro de Alcântara and have a look at the city. Down there is the Avenida da Liberdade and Restauradores. Looking up to the left we can guess where the good Marquês stands. Let's hear some Eric Sarter as background music: over there is the Church of the Convent of Graça, a slice of the sea, the Castle, the Avenue...

Let us go on. We leave the Calçada da Glória and São Pedro behind us and, if the time is right for you, we could enjoy a few glasses of port wine because the house dedicated to the noble beverage is right here in front of the funicular. Let us now go down Rua de São Pedro de Alcântara. We thus arrive at Rua da Misericórdia, Largo Trindade Coelho, the Igreja (church) de São Roque with its Museum of Sacred Art. Now, you may, if you please, enter the church: Artur Virgílio Alves Reis, Man of Lisbon, will be your guide:

"Their church was that of Saint Roch, humble from the outside, but with an interior more sumptuous



Miradouro de
São Pedro de Alcântara
São Pedro de Alcântara
Belvedere

crece a cidade do século XVI e «está inaugurado este bairro»; cresce mais e aí vêm os aristocratas a construírem seus palácios. Olhem o mapa se com ele andarem e verão que fazer aqui um percurso linear é tentativa falhada. Olhem!: se estiverem com fome ou prevêem tê-la nalguma visita ao Bairro, proponho percorrê-lo da seguinte maneira. Eu dou umas sugestões de restaurantes agradáveis e de bom comer, razoáveis no preço e simpáticos no trato e vocês procuram: têm lulas, bacalhaus, caça quando é tempo, arroz (o de polvo malandrinho é a não perder!), açordas, peixinhos bons... Eu cá gosto do Primeiro de Maio, do Manel, do Bar Alto, do Fidalgo... E depois um copo no Tertúlia, e, sobretudo, na muita amada Assírio Líquida, esta na Travessa das Mercês: livros, copos e amigos. São as coisas do Bairro Alto.

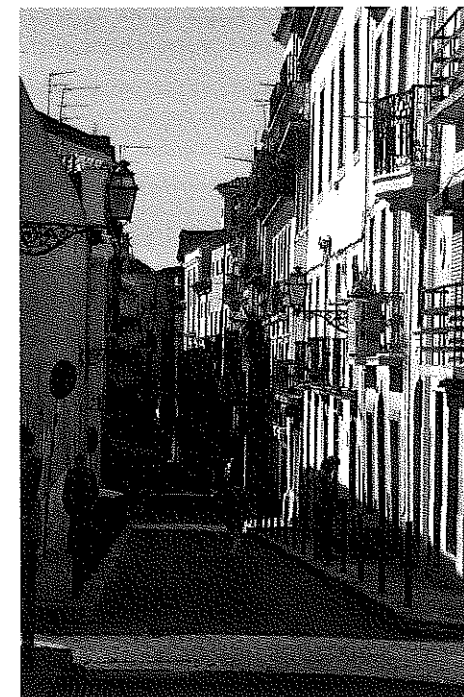
O casal de Hewitt já entrou num desses restaurantes de que falei; na realidade, estão de saída:

«Eram como se tivessem dissolvido séculos. Espreitávamos para dentro de minúsculas lojas penumbrentas onde velhos se inclinavam sobre mesas gastas, desempenhando obscuras tarefas com ouro em folha, cabedal ou filigrana. Havia galerias de arte, antiquários e depois, incongruentemente, *boutiques* exibindo o que havia de mais moderno em *design* de decoração interior italiano. No meio de tudo isto, os indispensáveis bares ou cafés com nomes exóticos: Salto Alto, Pasto do Pastor, Frágil. Ali parecia fazer tudo parte de um imenso contínuo de vida: folgazão, eclético, eterno. E nós tornar-nos-famos em breve uma parte dele, mergulhando naquele espectro variegado dos sentidos — se ao menos a renovação avançasse rapidamente.» Por sua vez, o Eric Sarter, de certeza que na companhia do galego M. Prado (como ele debuxa, meu Deus!), anda à noite, «numa taberna do fundo da Rua da Atalaia, um homem canta 'Desgraça é trazer o fado no coração e na boca'. A sua voz propaga-se por entre o dedilhar de cordas de um guitarrista que o segue com os olhos e com todo o corpo. A meia dúzia de passos, milhões de meias desbotadas secam ao ar húmido, mesmo em frente a uma loja vanguardista. Um casal dança tranquilamente no escuro. Uma mulher come cerejas à janela. Dois velhos, sentados em bancos minúsculos, falam (desde sempre, sem dúvida) diante de uma porta cinzenta como a noite».

Ouvem-se fados também; disse «ouvir» e já está

than it is possible to imagine. (...) The church boasted brilliant altars of gilded wood, columns and altars of lapis lazuli, balustrades of ebony, bronze and silver ornaments, a profusion of perfectly combined agate stones and amethysts (...), and everywhere the leg of the Saint with its open sores.

Any of the streets to the right takes us into Bairro Alto: the growth of the city in the 16th century saw the beginnings of this quarter. With further growth, along came the aristocrats to build their palaces. Take a look at your map, if you have one with you, and you will see that going straight ahead here won't get you very far. If you happen to be hungry or plan to eat on a visit to Bairro Alto, I would suggest you discover the quarter as follows: I will give you some suggestions for pleasant restaurants in which you can eat well, that are reasonably priced and where the service is good and you can then seek them out. They have squid, salt cod, game in the hunting season, rice dishes (the rice with octopus is a must!), açorda, fresh fish... I personally like the Primeiro de Maio, Tasca do Manel, Bar Alto, Fidalgo... And



Bairro Alto
Bairro Alto

o Komrij a precisar: «Os fados são para se escutar, não são música de fundo»; pronto. É verdade. Como num ritual, saio do Bairro Alto pela Rosa, a Rua da Rosa, desço para a confluência entre a Calçada do Combro e a do Loreto. Quem for pela primeira vai para São Bento; quem pela do Loreto para o Chiado. Nós para a frente, pelo Largo do Calhariz. Não é isto por espírito de contradição. Venham, andem; é por isto: o **Miradouro de Santa Catarina**. Solene, calmo, quotidiano, aprazível como ele é: o Miradouro de Santa Catarina... Se apetecer uma cervejinha, cafezinho, aí têm o barzito que nos presenteia com estas ricas cadeirinhas sobre o rio. Acompanham-nos lá, naquele «Café Pacífico», Kay e Carriscant, surgidos nest'A Tarde Azul, de William Boyd, que apanharam um táxi na Rua D. Pedro V, e que aqui os trouxe o condutor quando pediram para ser levados a «um café com vista sobre o rio». Estão a beber vinho, o mais caro e gelado do estabelecimento.

Descemos. Vamos para o Rio. Pode ser pela **Bica**, pelo elevador (cá «descensor») ou então a andar por esta Rua de Santa Catarina, pela dos Cordeiros, pela da Moeda até ao Largo de São Luís. Mas passem pela Bica. Antigamente, no seu chafariz, reuniam-se os meus compatriotas a oferecerem

afterwards a drink in the Tertúlia and, above all, in the much-loved Assírio Líquida, which is in Travessa das Mercês: books, drinks and friends. That is the essence of Bairro Alto.

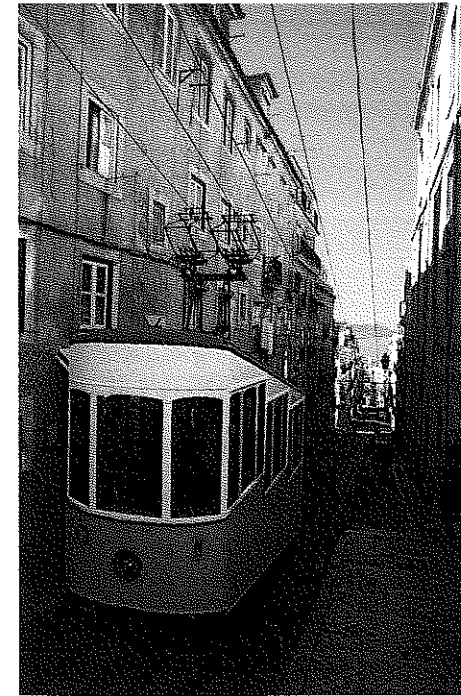
The Hewitts also dined in one of the restaurants I just mentioned; in fact here they are on their way out:

"It was as if centuries had dissolved. We peered into minute, dimly-lit shops in which old men were bent over worn tables, performing obscure tasks with gold leaf, leather or filigree. There were art galleries, antique shops and then, incongruously, boutiques showing the latest in Italian interior design. In the middle of all this, the indispensable bars or cafés with exotic names: Salto Alto, Pasto do Pastor, Frágil. Everything there seemed to be part of one immense continuum of life: playful, eclectic, eternal. And we were soon to become a part of it, immersing ourselves into that varied spectrum of the senses — if only the renovation would advance quickly."

Eric Sanner, in turn, and certainly in the company of the Galician M. Prado (that man can draw, by God!) spends the night "in a tavern at the end of the Rua da Atalaia, a man sings 'Desgraça é trazer o fado no coração e na boca'. His voice rises above the plucking of the strings by a guitarist who



Miradouro
de Santa Catarina
Alto de Santa Catarina
Belvedere



os seus serviços e a carregarem água para distribuí-la a quem quisesse. Alguma emoção de séculos para aqueles que saíram a ganhar a vida e por tudo passaram... Sabem os portugueses bem disso também: vejam aqui como irmãos somos, da fala ao ganha-pão.

Cada vez mais presente este Rio, aquele Mar... Vamos pela Praça da Ribeira Nova até ao **Cais do Sodré**. Eu gosto. O Carrère, era de esperar, dizia mal da Praça da Ribeira Nova, onde se vende peixe, por suja e malcheirosa. Isto do peixe não devia agradar muito ao leão francês... E, para dizer verdade, no Cais do Sodré sobejam cheiros, cheiros de toda a classe. Tantos cheiros há que no futuro talvez estas instalações não alcancem e haja que aumentar ao mercado um andar para as vendedoras de espécies, alhos, cebolas e plantas perfumadas, como já está a acontecer na Nova Lisboa, de J. A. Millán.

Vêm aí os rapazes a descer do Poço dos Negros, que ao contador da *Origem Certa do Farol de Alexandria* parece um rio de chocolate pela quantidade de pretos que por ela circulam e que

follows him with his eyes and his whole body. Half a dozen steps away, millions of faded stockings dry in the humid air, right in front of an avant-garde store. A couple dances quietly in the dark. A woman eats cherries at a window. Two old men sitting on tiny stools talk (since time eternal, no doubt) in front of a door that is as grey as the night".

You can also listen to some fado; I said "listen to" and here's Komrij to express it more precisely: "fado is there to be listened to, it is not background music". How very true.

*As if in a ritual, I leave Bairro Alto through the Rua da Rosa, going down to where the Calçada do Combro meets Rua do Loreto. If we go down the former we end up in São Bento; take the latter and you head for the Chiado. But we're taking neither; instead we cross the Largo do Calhariz. Not just to be different. Come, follow me; the reason is: the **Alto de Santa Catarina belvedere**. How solemn, peaceful, mundane, pleasant is the Belvedere of Santa Catarina... If you feel like having a beer, or a coffee, here you have the little bar with its welcoming chairs overlooking the river. We are now in the company of Kay and Carriscant from *The Blue Afternoon* by William Boyd, as they sit in the "Café Pacífico". They took a taxi in Rua Dom Pedro V and the driver brought them here when they asked him to take them to a "café with a view of the river". They are drinking wine, the most expensive and best chilled the café can offer.*

*Let us go down. Down towards the river. We can take the Bica funicular lift down or we can walk down through Rua de Santa Catarina, Rua dos Cordeiros, Rua da Moeda to Largo de São Luís. But let us go through the **Bica quarter**. In days gone by, my compatriots would meet at the fountain below to offer their services and to load up with water to deliver it to whoever wanted it. Centuries of emotion for those who went out to earn their living and had to go through a lot to do so... The Portuguese are also well acquainted with this: see how we are brother people, in both how we speak and how we earn a living... The river, the sea, becomes more and more present... Let us go through the Praça da Ribeira Nova to **Cais do Sodré**. I like it here. Carrère, as one would expect, wrote disparagingly of the Praça da Ribeira Nova, where there is a fish market, because it was dirty and malodorous. Fish probably would not have been to the liking of the French lion... But, the truth be told, Cais do*

Elevador da Bica
Bica Elevator

Cais do Sodré
Cais do Sodré



está a olhar descarregar, o suor a escorregar-lhes, o barco recém-chegado ao cais. E anda a Palmyra, da sua *Quinta* e de Gómez de la Serna que sai há setenta anos do Hotel Central neste cais, à procura de um café em que não apenas haja cerveja...

Vamos pela Bernardino Costa para a **Rua do Arsenal** e para a Praça do Comércio. Porquê pela Bernardino Costa e não pela Avenida da Ribeira da Naus, à beira-mar? Por causa do British Bar, na Bernardino Costa, «valeroso bombeiro», lembra Sarner:

«Há pouca gente. Sobretudo, homens. Madeira, algumas mesas de mármore, um armário frigorífico onde pequenos pastéis e empadas parecem esperar. Bebe-se cerveja à pressão. Um homem de idade avançada, de avental azul impecável, oferece os seus préstimos como engraxador de sapatos. Um outro, de bigode grisalho e de uma elegância britânica, mas perfeitamente europeia, faz-lhe sinal. É um cliente habitual; são ambos clientes habituais. A cerveja é boa. Reparo então num relógio na parede. E não é que, estando tudo perfeitamente normal, detecto indícios de alguma perturbação? Aquele relógio marca cinco horas menos cinco, e o meu onze e vinte. O meu vizinho

Sodré has more than enough smells, and all kinds of smells. There are so many smells that in the future the market premises here will not suffice and one will have to add another floor to the market for the sellers of spices, garlic, onions and fragrant plants, as is already the case in Nova Lisboa (New Lisbon) by J. A. Millán.

Here are the boys coming down from Rua do Poço dos Negros, which the narrator in A Origem Certa do Farol de Alexandria (The True Origin of the Lighthouse of Alexandria) likened to a river of chocolate on account of the number of Africans who circulated there. He watched them unloading the recently docked ship at the quay, the sweat running down their bodies. And there is Palmyra, Gómez de la Serna's creation from the Quinta, who, albeit seventy years ago, came out of the Hotel Central at the quay in search of a café that served more than just beer...

Now let us take Rua Bernardino Costa to Rua do Arsenal and further on to Praça do Comércio. Why via Rua Bernardino Costa and not along Avenida da Ribeira das Naus on the waterfront? Because of the British Bar, which is located in the former street, named after the courageous fireman. Sarner tells us:

lê *O Público*. Não me atrevo a perguntar-lhe as horas. Terei eu alguma coisa a rezeir? Mas tenho de falar com ele, é-me necessário. 'Durante a Segunda Guerra Mundial', diz ele, 'este lugar servia de refúgio a espiões britânicos e alemães. Espiavam-se uns aos outros; o país era neutro.' E lá vem o nosso entranhável Pereira ter connosco; como ele está gordo! Apanhou o 28 no Largo de São Martinho e desceu no Terreiro do Paço; vem a andar: compreende-se. Aí está entrando no British. «Sabia que era um lugar frequentado por artistas e contava encontrar lá algum. Entrou e sentou-se numa mesa do canto. Na mesa vizinha estava o romancista Aquilino Ribeiro a almoçar com Bernardo Marques, o desenhador de vanguarda, que tinha ilustrado as melhores revistas do Modernismo português.» Não há dúvida. Uma cervejinha a esta hora neste lugar presta.

Percorramos a Rua do Arsenal. Edifícios escuros e compactos do lado direito, ninguém daquele lado. «No passeio da esquerda, frente a lojas asseadas, pilhas de bacalhau, polvos pendurados e secos, alpista para pássaros, pintassilgos e canários», comenta Sarner.

«No dia de Todos os Santos de 1765, o senhor Giuseppe Gorani, ou melhor, o conde Gorani de Milão, viu-se aqui, sem calças e sem o quer que fosse excepto uma espada nua na mão direita, em plena noite, fugindo de uma emboscada.» (Isso foi por causa da sua imprudência; o homem procurava sexo no meio de todas aquelas ruínas após-terramoto, mas já intuía que a coisa ia dar pr'o torto. E deu!)

Gostamos da **Praça do Município**. O Carrere não, claro; que já ele está à procura de alguma nódoa no expediente. Naqueles seus finais do século XVIII era ainda a Praça do Pelourinho, e parecer parece-lhe bela; «mas por nelas encontrá-se casas de pasto, tabernas ou botequins onde se fritava sardinhas, atraía a população em chusma e torna-a desagradável». Olhem: exactamente o que a tornaria atractiva para alguns de nós! Já se intui, já aí está, Rua do Comércio, Terreiro do Paço, o Mar e tudo!

Ouviram? Esses disparos anarquistas, aí mesmo na esquina entre a Arsenal e o Terreiro do Paço, acabam com a monarquia, 1908, lá vão para a cova D. Carlos e o primogénito; e essa música vem da do Município, aí atrás, na varanda «Viva a República!», 5 de Outubro, 1910.

Para Larbaud esta é a praça mais bela da Europa. «Talvez por causa da espantosa relação entre o

"There are not many people. Mostly men. Wood, a few tables in marble, a refrigerated display where little pastry and pies await consumption. The people drink draught beer. An elderly man, dressed in an impeccable blue apron, offers his services as a shoeblack. Another, sporting a grey moustache and British elegance, though completely European, waves him over. He is a regular; they are both regulars. The beer is good. I notice a clock on the wall. Why is it that, although everything seems to be perfectly normal, I have the feeling that there is something wrong? The clock says it is five minutes to five and my watch tells me twenty past eleven. My neighbour is reading O Público. I dare not ask him the right time. Have I reason to fear? But I feel an urge to talk to him, I need to. 'During the Second World War', he tells me, 'this place served as a refuge for British and German spies. They spied on each other; Portugal was neutral'".

And here comes our intimate friend Pereira; how fat he is! He got on tram number 28 at Largo de São Martinho and got off near Praça do Comércio; he is, of course, now on foot. And there he goes into the British Bar. "He knew it was a place frequented by artists and expected to meet one there. He went in and sat down at a corner table. At the table beside him, the novelist Aquilino Ribeiro was having lunch with Bernardo Marques, the avant-garde draughtsman who had illustrated the best magazines on Portuguese Modernism." No doubt about it. A beer or two here is a good thing.

Let's walk along Rua do Arsenal. Dark and compact on the right hand side, not a soul over there. "On the left-hand side pavement, outside neat shops are stacks of salt cod, dried octopuses hanging on display, birdseed for singing birds, goldfinches and canaries" writes Sarner.

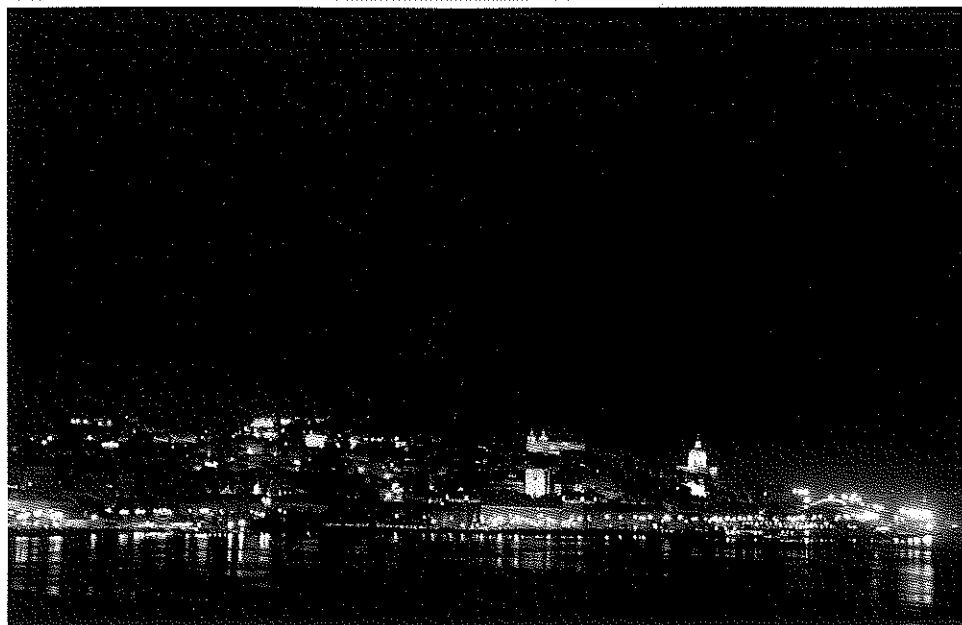
"On All Saints' Day 1765 Signor Giuseppe Morani,



Lisboa vista do Tejo
Lisboa, view from
the River Tagus

Lisboa.
«A Grande Praça vai ser
iluminada»

Lisboa.
"The Great Square
will be lit up"



espaço oferecido ao sol e os corredores escuros, em quadrado a toda a volta. No quarto lado, aberto para o vazio, a água. Os degraus sobre os quais a maré vem brincar», quer interpretar Sarner. Para Lichnowsky era Lisboa a cidade mais brilhante das capitais da Europa, «mesmo em relação à elegância» à vista da Praça do Comércio. «A Grande Praça vai ser iluminada. Espera-se que a Família Real apareça às janelas da Casa do Senado», indica Beckford, onde fica a rainha quando não quer ir para a Ajuda. «E deve haver fogo-de-vista e uma grande fogueira à volta da qual os pescadores e as ninfas do Tejo dançarão o fandango, dando estalos com os dedos», continua Beckford a dois séculos de distância. A Grande Praça, o Terreiro do Paço, a Praça do Comércio, como quis Pombal nas suas tentativas reformistas. E, entretanto, Eric Sarner vai comer um pastel de bacalhau e um copo de vinho verde à saúde míope de Fernando Pessoa no Café Martinho da Arcada, desde 1782.

Conheço um rapaz, lá da minha terra, que logo que pode, apanha o barco e vai para Cacilhas (na Outra Banda frequente o Restaurante Ponto Final), demora-se por lá um bocadinho e regressa. Ou então apanha uma camioneta para a Trafaria e

or rather Count Gorani of Milan, found himself here in the middle of the night having to flee from an ambush wearing neither his breeches nor anything else and with nothing more than a naked sword in his right hand."

(This was due to his own foolishness; the good man was looking for sexual pleasure amongst all those post-earthquake ruins, but he had a presentiment that it would all go wrong. And it did!)

We like the **Praça do Município**. Carrère, needless to say, did not; he immediately went on the search for a blemish as an excuse. In his day, the late 18th century, the square was still the Praça do Pelourinho and it seems he thought it beautiful; "but amongst them are eating-houses, taverns and bars where they fry sardines, attracting the people in their hordes, rendering it disagreeable". Which is exactly what would make it an attractive place for some of us.

One can sense it already and here it is now: Rua do Comércio, Praça do Comércio the Sea and everything!

Did you hear that? Those anarchist rounds of fire, right there on the corner of Rua do Arsenal and Praça do Comércio, put an end to the monarchy

dali o barco e aparece em Belém (pena é não dar o tempo para lá ir...). É tudo só pelo gosto de olhar Lisboa desde o rio e poder andar pelo Tejo. Ele recomenda ir no entardecer para regressar na noite, sempre que possível.

Sabendo o que valem pedra, luz e água em Lisboa, a cidade crepuscular é plurisuggestiva. A caminho do seu hotel, nós neste barco ou naquele miradouro, dá-nos Gerrit Komrij, o cáustico, estas palavras de embalar:

«Não podia ter tido mais sorte com a minha corrida de táxi do que a esta hora. Às oito e um quarto, em Setembro, Lisboa é presa de um milagre. A cidade incendia-se de labaredas rútilas. O pálido crepúsculo transmuta-se de um momento para outro numa vermelhidão que — enquanto algumas fachadas e ruas se tornaram já de um escuro ameaçador — irmana tudo quanto por ela é atingido, as paredes corroidas dos palácios mouros, os quiosques e os inúmeros miradouros, as cúpulas das igrejas e as esplanadas de mármore, as águas calmas do Tejo e o sobranceiro Castelo, para depois, com a mesma rapidez, se esbater no cáldo aconchego da noite. Tocado por essa luz, para quem tudo serpenteia, se eterniza um momento: a palmeira ondulante, o rapaz que tira de um aparelho automático para a miúda um cartão a dizer o futuro de ambos, o paralítico no seu carrinho de madeira que vende pezinhos andantes de plástico.»

Aqui faltam só as Colunas do Cais e aquela menina que nele sonha: hão-de voltar. Já aí está a gare. «Imóvel, amontoada por entre vendedores ambulantes e fritos, uma pequena multidão lança-se a correr para a passadeira dos peões. O barco aspira-a imediatamente depois de ter cuspid o seu lote precedente de passageiros. Em frente fica a Outra Banda, a margem sul, o início do Sul. Oh, estes rostos brancos, negros, escuros, de sonhos profundos, desmesurados. Vamos navegar



in 1908. There go King Carlos and his first-born son to an early grave. And that music coming from back there, from the balcony of the City Hall — "Long Live the Republic!" — 5th October 1910. For Larbaud this was the most beautiful square in all of Europe. "Perhaps because of the exciting relationship between the space opened up to the sun and the dark arcades around the square. On the fourth side, open to the void, the water. The steps on which the tide comes to play", as Sarner likes to see it. For Lichnowsky Lisbon was the most radiant of Europe's capitals, "particularly in relation to the elegance" displayed in Praça do Comércio.

"The Great Square will be lit up. The Royal Family is expected to appear at the windows of the House of the Senate", wrote Beckford, indicating where the queen stayed when she didn't want to go to Ajuda. "And there will be fireworks and a great bonfire, around which the fishermen and the nymphs of the Tagus will dance the fandango, clicking their fingers", he continued, this two centuries ago. The Great Square, Terreiro do Paço, Praça do Comércio, as Pombal with his reformist desires wished it to be known. And, meanwhile, Eric Sarner, goes into Café Martinho da Arcada, which opened in 1782, to eat a salt cod fritter and drink a glass of vinho verde to the myopic health of Fernando Pessoa.

I know a fellow, from my homeland, who, whenever he can, takes the boat across to Cacilhas (on the other bank he pays regular visits to the Ponto Final restaurant), while some time away there and then takes the same boat back. Or he might take the bus to Trafaria and, from there, the ferry to Belém (it's a pity we don't have time to go there...). He does all this because he loves looking at Lisbon from the river and being on the Tagus itself. He recommends going in the late afternoon and returning at night, whenever possible. Knowing the value of stone, light and water in Lisbon, the city becomes suggestive of all kinds of things in the twilight. On the way to his hotel, with us perhaps on a boat or at a belvedere, the caustic Gerrit Komrij gives us these words as a lullaby:

"I couldn't have had greater luck with my taxi ride than at this hour. At a quarter past eight on a September evening, Lisbon is taken hold by a miracle. The city comes ablaze with gold and yellow flames. From one moment to the next the pallid twilight is transmuted into a redness which — while some façades and streets have already

Lisboa.
"A cidade incendia-se
de labaredas rútilas."

Lisboa.
"The city comes ablaze with
gold and yellow flames."

num pequeno navio cor-de-laranja e branco para uma travessia de um quarto de hora, através do Mar da Palha, à conquista de... Cacilhas. O rio treme e as colinas recuam. O ar cheira a sal e a água doce misturados. Sopra uma brisa em torno do Sol, por entre as gaivotas. Sereias. Da amurada do barco, pendem enormes pneus. Passam barcos e navios a vapor. [...] Onde se fixam os olhares, uma vez no barco? Uma vez mais no interior. Mas é como se já não pudéssemos voltar a perder-nos: do navio, Lisboa já não é aquele labirinto; é apenas bela, inofensiva», diz Eric Sarnier... Este Tejo. Este Tejo em que se amam os amantes de Kessel. Tejo, «sonho português», dizia Casado. A Lisboa chega-se pelo Tejo. Venha um por terra, mar ou ar, o rio aí está, presença incontornável. Por este rio «raiado de espuma, na esteira de barcos aparentemente cinzentos e ferries provavelmente cor-de-laranja», diz Sarnier. Do galego Xavier R. Baixeras são estes versos no seu *Fentos de Mar* chegando a Lisboa:

«En que mirada o sentes palpar?
Na tarde voas, vibras sobre o Tejo.
Das casas miudas ven como un bafejo.
Ou de onde ven?

Avistas longe o mar.»

Do brasileiro C. Felipe Moisés estes:
«Sombras, bulício, o Tejo, a maresia?
Lisboa não se cansa, é uma criança
a escrever no ar, muito clara (luz
do teu nome) a palavra esperança.»

E assim lembra Kay a sua entrada no S.S. Herzog: «Chuva miudinha. Os edifícios da cidade emergiam do espelho baço do estuário, amontoados sobre colinas ondulantes, acotovelando-se, indefinidos, à luz lamacenta do crepúsculo, as fachadas e telhados em degraus pontuados aqui e além por uma torre ou cúpula, pelo zimbório barroco de uma igreja ou pelos dentes quadrados de um troço de muralha.»

Do Tejo tudo muda. Até para Lord Byron, que há quase dois séculos entrava rio acima desde Falmouth no *Princess Elizabeth*, com o seu amigo Hobhouse, e a quem a cidade, vista de longe, parecia «celestial». Outra coisa foi para ele desembarcar e andar por ela, à sua visão negativa não sendo alheio algum problema com marido enganado, no dizer de alguns más-línguas..., e, naturalmente o efeito do «contraste longe-perto» de Fielding.

«Quem entrar nesta cidade que, resplandecendo ao longe, parece celestial, vagueia pelas ruas decepçoadas com tantas coisas aos olhos do

taken on a threatening darkness — bonds all that is touched by it, the corroded walls of the Moorish palaces, the kiosks and the countless belvederes, the domes of the churches and the marble esplanades, the calm waters of the Tagus and the towering castle, only to, just as quickly, fade into the balmy comfort of the night. Touched by this light, to which everything winds its way, everything becomes eternal for a moment: the swaying palm tree, the boy extracting a card from a machine that tells the future of for him and his girl, the paralytic in his wooden chair selling little pairs of plastic walking feet.»

All that is missing here is the columns in the water and the girl who dreams here: they will return. And over there is the station. "Unmoving, packed together between street vendors and fried snacks, a small multitude begins to run towards the pedestrian landing stage. The ferry sucks them in immediately after having spit out the preceding group of passengers. Ahead of them is the Other Side, the southern bank, the bank where the South begins.

Oh, these faces, white, black, dark with profound and immeasurable dreams. Let us sail in a little orange and white boat on a crossing of a quarter of an hour, across the Sea of Straw, to conquer... Cacilhas. The river rumbles and the columns recede. The air smells of a mixture of salt and freshwater. A breeze blows around the sun, between the seagulls. Mermaids. Enormous tyres hang from the side from the boat. Steamboats and ships pass by. (...) Where to fix one's glance once inside the boat? Once again in the interior. But it is as if we could never again get lost: from the ship, Lisbon is no longer that labyrinth; she is only beautiful, harmless", says Eric Sarnier. The Tagus. The Tagus in which Kessel's lovers love each other. The Tagus, the "Portuguese dream", as Casado said. One arrives in Lisbon via the Tagus. Whether one comes by land, sea or air, the river is there, an eternal presence. Via this river "streaked with foam, in the wakes of the boats that appear to be grey and the ferries that are probably orange", writes Sarnier. On arriving in Lisbon, the Galician writer Xavier R. Baixeras wrote these lines in his *Fentos de Mar*:

"In which gaze do you sense it?

In the afternoon you fly, vibrate over the Tagus
From the tiny houses comes a breath of air
Or where is it from?

In the distance a glimpse of the sea.»

And the Brazilian C. Felipe Moisés wrote these:

forasteiro», pôs ele no *Childe Harold's Pilgrimage*. A Robert Southey, que em 1800 está subindo o Tejo, parece a mais maravilhosa vista do mundo. A Carnarvon é a entrada o que lhe resulta maravilhoso em 1837.

E quanto há que contar ao regresso! Histórias como a que do Vendedor delas vai ouvir o contador do *Requiem* tabucchiano, mesmo agora que um barco acaba de atracar em Cacilhas e está uma noite realmente magnífica, «com uma lua pendurada de tal maneira sobre os arcos do Terreiro do Paço que bastava estender uma mão para a apanhar». Ou histórias como as deliciosas que nos deixaram Hieronimus Scheidt, Johann Limberg von Roden, Wilhem Richter... e outros viajantes seiscentistas germânicos a andarem por estas terras. E olhar a cidade desde aqui, como para nós faz o Lichnowsky desde o cais, «uma vista tão mágica, que não seria possível sonhá-la sequer, com a nossa lua desmaiada, com as nossas estrelas pálidas e com as nossas noites frígidas».

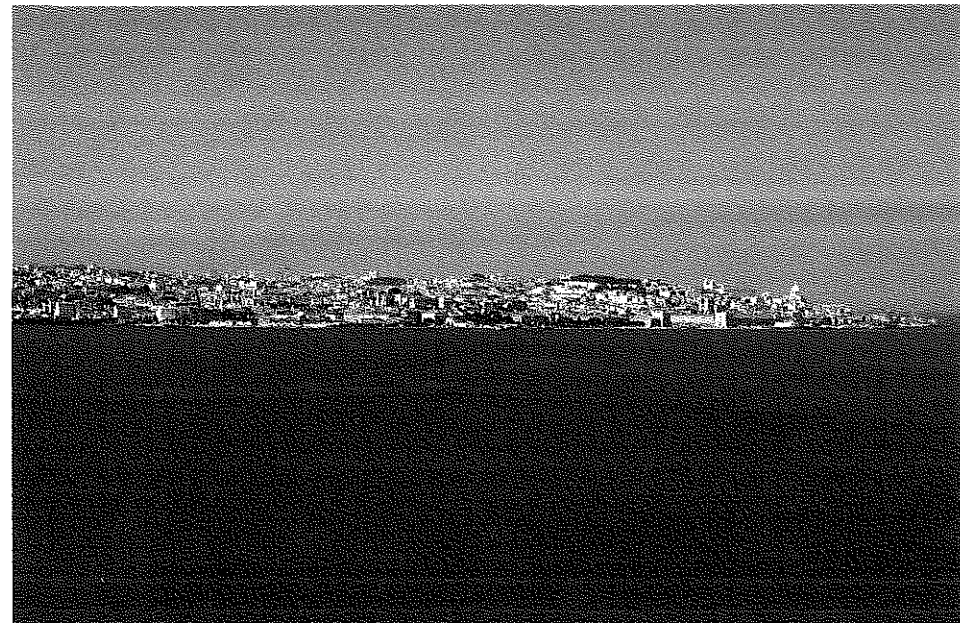
Fala Osberno, o eco é de oitocentos e cinquenta anos:

«É este um rio que desce das regiões de Toledo, e em cujas margens se encontra oiro, quando no princípio da Primavera as águas se recolhem ao

"Shadows, bustle, the Tagus, the tides?
Lisbon does not tire, she is a child
Writing in the air, very brightly (for light
is your name) the word hope".

And this is how Kay remembers embarking the S.S. Herzog: "Drizzle. The buildings of the city rose up from the matt mirror of the estuary, piled up on rolling hills, huddled together, without contours, in the dirty twilight, the façades and roofs in tiers interrupted here and there by a tower or a cupola, by the baroque dome of a church or by the square teeth of a piece of wall". From the Tagus everything changes. Even for Lord Byron, who, almost two centuries ago, sailed up the river with his friend Hobhouse on the *Princess Elizabeth* arriving from Falmouth. To Byron the city, seen from the distance, appeared "celestial". It was a different thing altogether for him disembarking and driving through the city, his negative vision not uninfluenced by a certain problem he had as a cheated husband, as certain gossipmongers would have us believe... And then, of course, there was Fielding's "near and far contrast".

"Whoever enters this city, which, resplendent from the distance, appears celestial, wanders its streets full of deception at so many things that meet the



Tejo.
«É este um rio que desce das regiões de Toledo, e em cujas margens se encontra oiro, quando no princípio da Primavera as águas se recolhem ao leito.»

Tagus.
"This is a river that flows down from the regions of Toledo and on the banks of which gold is to be found, when the early spring, the waters recede in the riverbed."

leito. Há nele tanta abundância de peixe, que os habitantes acreditam que dois terços da sua corrente são de água e o outro terço de peixes.» Saímos da praça. Por onde é que é o problema. Estão com vontade, têm tempo, forças, ânimo? Então venham. Vamos para a Alfama, o Castelo, a Graça. É logo aqui à frente à direita. Vamos chamar ao percurso «Itinerário A». Têm menos de alguma ou estão sem nenhuma das bagagens anteriores? Então, calma, vamos pela Baixa, «Itinerário B», sim senhor.

eye of the stranger", Byron wrote in Childe Harold's Pilgrimage.

To Robert Southey, who sailed into the Tagus Estuary in 1800, Lisbon was the most marvellous sight in the world. For Carnaroon it was sailing into the Tagus Estuary itself that was so marvellous. And there is so much to tell upon one's return! Stories like that which the narrator of Tabucchi's Requiem hears from the salesman, right now that a boat has just docked in Cacilhas. It is a truly magnificent night "with the moon hanging over the arches of Praça do Comércio as if one would only have to stretch out one's hand to grab it". Or stories such as the delightful ones bequeathed to us by Hieronymus Scheidt, Johann Limberg von Roden, Wilhelm Richter and other German 17th century travellers who visited our country. And looking at the city from here, as Lichnowsky does for us from the quay, it is "a sight so magical that it would be impossible for us — with our faint moon, our pallid stars and our frigid nights — to even dream it".

Listen to Osbornus, whose writings echo back to us from eight hundred and fifty years ago: "This is a river that flows down from the regions of Toledo and on the banks of which gold is to be found, when, in the early spring, the waters recede in the riverbed. There is such an abundance of fish in this river that the people believe that two-thirds of its current is water and the other third are fishes".

We have left the square. Are there any problems? Are you still keen, have you got time, strength and interest? Then, let's go. Off to Alfama, the Castle and Graça. They're up there to the right. We shall call this route "Route A". Have you freed yourself of some or perhaps all of the previous baggage? In that case, easy does it, "Route B" through the Baixa it is.

Itinerário A

Não há um lugar por onde chegar à **Alfama**. Mas costuma haver um objectivo, de ida ou volta, para os Visitantes-de-primeiras-vezes-de-Lisboa: o Castelo.

Sugiro acompanhar e ouvir o nosso fugido do terror nazi de *Uma Noite em Lisboa*, que neste instante de 1942 contorna as arcadas da Praça do Comércio, a perder-se «no labirinto de escadas e vielas que galgam a encosta».

Isto aqui do labirinto e das vielas é sempre: levo acompanhado centos de personagens e escritores e Alfama é sempre um labirinto de vielas; quanto a galgar, isso já depende da perspectiva, naturalmente.

Antes de entrarmos no labirinto, convém tomar esta Rua da Alfândega. Veja a maravilha manuelina da fachada da Conceição Velha; e agora para a Rua dos Bacalhoeiros: lá está a Casa dos Bicos, do século XVI. Vão agora por esta Rua dos Bacalhoeiros acima; peguem nesta primeira ruela à direita e já estão na Cruzes da Sé. De aqui para a direita chegamos ao Largo da Sé. Lá à esquerda, em baixo, está o Museu Antoniano, dedicado ao padroeiro oficioso de Lisboa, Santo António, com a sua igreja. Cá a Sé, a visitar, mesmo que não fosse por outra razão, para que esclareça como ela ficou em pé após o terramoto. Nela pede esmola uma cigana fascinante, que agora, mesmo à porta, se está a despedir do protagonista da *Origem Certa do Farol de Alexandria*. Da Sé podem tomar a Rua Augusto Rosa. Está movimentada a rua de eléctricos, não está? «No bairro de Alfama cantavam os eléctricos amarelos nas subidas», lembra Tranströmer a viajar num deles. «Havia ali dois cárceres. Uma para os ladrões.» «Mas aqui, disse o motorista, rindo como um ser dividido, cá estão os políticos.» Ah, peço desculpa. A pensar em Tranströmer, quase não me lembro de vocês. É o que a Alfama tem: deixa saudades e o pessoal depois já não atende a estas ruas concretas que cá vamos andando. Recomendando agora que comecemos o nosso labirinto, subindo um bocadinho esta Augusto Rosa e tomando à direita pela Rua do Barão. Claro que se antes alguém quiser cumprimentar o doutor Pereira, o homem de Tabucchi que *Afirma*, ele mora aí à frente e à esquerda, no número 22 da Rua da Saudade; da *saudade*, estão a ver?

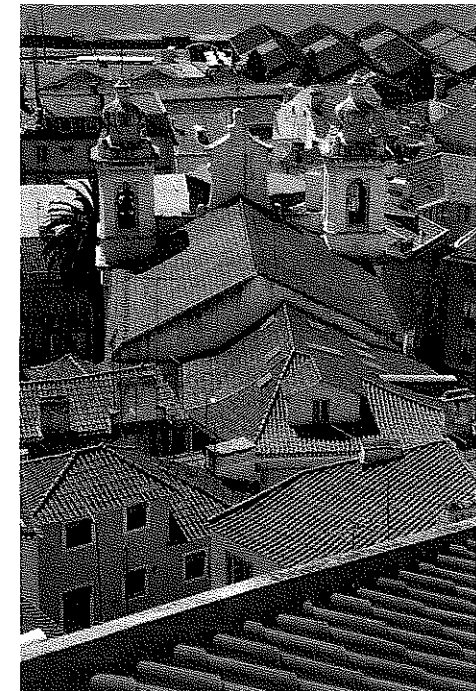
Route A

There is more than just one gateway to the Alfama. But, as a rule, there is only the one place first-time visitors to Lisbon have as their goal: the Castle.

I suggest we accompany and listen to our refugee from the Nazi terror in The Night in Lisbon, who at this very moment in 1942 turns a corner of the arcades of the Praça do Comércio and gets lost in "the labyrinth of steps and alleys that climb the slope".

That part about the labyrinth and the alleys is always present: I walk in the company of hundreds of characters and writers and the Alfama is always a labyrinth of alleys. As for the climbing part, well that all depends on which end you look at them from, doesn't it?

Before we enter into the labyrinth, it's worthwhile taking in the Rua da Alfândega. Behold the



Alfama, São Vicente de Fora

Vamos nós pela Barão abaixo, e agora por esta São João da Praça, para a direita, e depois à esquerda pela travessa do mesmo nome (começa isto a parecer o tal labirinto e ainda nele não entrámos...). Pronto. Aqui está a Rua do Cais de Santarém e à esquerda o Largo do Terreiro do Trigo, que dá para a sua rua, e isto aqui é o Chafariz de El-Rei, água principal de Lisboa. E à esquerda, paralelo a nós, e ao chafariz, e a estas ruas, ergue-se o labirinto da Alfama. Difícil indicar por onde subir. Não sei se são horas de comer alguma coisa, porque assim sendo: Rua do Terreiro do Trigo, de nome sugestivo, ao Largo do Chafariz de Dentro; e de aqui um bocadinho à direita por essas escadinhas ao Cantinho do Mestre André, que é lugar de artistas e excelente bacalhau, não sendo ele a única iguaria a preço razoável. Merece a pena esperar. Ou então continuar, comidos ou não, para a esquerda, e entrar no mundo de Berequias Zarco e com ele no do *Último Cabalista de Lisboa* e da sua Pequena Jerusalém que a Alfama para eles é. Pelas suas vielas anda, foge, oculta-se, visita, reza Berequias Zarco. Qualquer ponto merece a pena. Parem, escutem, olhem, como nas passagens sem guarda dos caminhos de ferro. Porque pode aparecer um trabalho em ferro forjado, uma casinha do século XVI, um resto mourisco, uma pegada judia, um palácio do século XVIII, um corvo ou mais esculpidos, um palácio que já foi hotel e prisão na Rua do Limoeiro (são lembrados dos dois cárceres de Tranströmer?). Entremos nós por esta Rua de São Pedro, continuemos por algum São Miguel, seja ele beco, largo ou rua, o caso é que é sempre a subir, para a esquerda, em direcção ao Miradouro de Santa Luzia, a ele acedendo pela Rua Norberto de Araújo à direita.

Não esqueçam os cheiros; não esqueçam, até porque cheirar Lisboa e segui-la é um dos maiores exercícios para conhecê-la. Inclusive o refugiado de Remarque tem algum vagar para transportar-nos as suas sensações: «Misturavam-se no ar o cheiro a peixe, a alho e a madressilva, a que vinha juntar-se o suave perfume do sono e de um sol já morto.» Estão com fome com estes cheirinhos? Então ouçam esta que acabam de recordar-me essas sardinhinhas na brasa que se intuem:

«...Eu, saída do cardume, estou já morta.
Gorda e tenra, fui feita para a boca
das gentes de Lisboa. Já não me resta
mais tempo.
Criatura de um deus glutão,
passei da água ao ar esperando o fogo.»

Manueline wonder that is the façade of the Igreja da Conceição Velha! And now further on to Rua dos Bacalhóes: there we have the Casa dos Bicos from the 16th century. Now go along Rua dos Bacalhóes and take the first little lane to the right, which is the Rua das Cruzes da Sé. From here a right turn takes us to Largo da Sé. Down to the left is the St. Anthony Museum and the church of the same, both dedicated to the unofficial patron saint of Lisbon. And here is the Sé, the cathedral, which is well worth a visit, even if only to have explained how it remained standing after the earthquake. Here a fascinating gypsy woman begs for money and right now, here at the entrance, she is saying goodbye to the protagonist of A Origem Certa do Farol de Alexandria. From the Sé we can now take the Rua Augusto Rosa. The street is busy with trams, is it not? "In the Alfama quarter the yellow trams sang on their way up", is how Tomas Tranströmer recalls travelling in one. "There used to be two gaols there. One for the thieves." "But here, the driver said smiling like a divided being, here are the politicians".

Ah, I do apologise. With my thoughts on Tranströmer I had almost forgotten you. That's the Alfama for you: it fills you with yearnings and you cease to register the concrete streets that you pass through. I recommend that we now venture into the labyrinth, by following the Rua Augusto Rosa and taking the first turn on the right, into Rua do Barão. Of course, if any of you would first like to say hello to Pereira, the protagonist of Tabucchi's Declares Pereira, please be my guest. He lives right over there at number 22 in Rua da Saudade. And saudade means yearning. Do you see what I mean?

So let's go on down Rua do Barão and then turn right into Rua de São João da Praça. Then turn right again into the Travessa of the same name (this is already beginning to look like the said labyrinth and we haven't even entered it yet...). All right. We are now in Rua do Cais de Santarém and to our left is Largo do Terreiro do Trigo at the end of the street with the same name. And here is the Chafariz de El-Rei, Lisbon's former main water fountain. And to the left, parallel to the fountain and to these streets, rises the labyrinth of the Alfama.

It's difficult to say where we should begin to climb. I don't know if it's time to perhaps have something to eat. If it is, then go along the aptly named Rua Terreiro do Trigo (trigo being Portuguese for wheat)

É do *Discurso da Sardinha* do Sarner. Muito bem farão se já estão aí assentadinhos a olhar neste cantinho extraordinário que o **Miradouro de Santa Luzia** é. Cansados, naturalmente. Para o Castelo ainda falta um bocadinho, não muito, tenham calma. Alfama. Não tem este guia todas as palavras para contá-la. Tempo e lugar tem entre os seus versos Tomás Tranströmer para transmitir-nos a sua percepção «eléctrica»:

«A roupa lavada pendurava no azul.

Os muros estavam quentes.

As moscas liam cartas microscópicas.»

E até de pôr alguma nota enigmática:

«Seis anos mais tarde perguntei a uma senhora de Lisboa:

Isto se passou assim, ou sonhei-o?».

Alfama é também assim.

Temos de ir indo... O Castelo. Se a cada quem a sua Alfama, a cada quem o seu Castelo. Para o Gonzalo, de Tirso, era o mais louvável de Lisboa, «máquina soberba».

Peguem por esta Rua da Santa Luzia e à esquerda pela sua travessa (na Alfama, nome que se preze



to Largo do Chafariz de Dentro; here we turn right up the steps to Cantinho do Mestre André, a restaurant frequented by artists that serves excellent bacalhau, though that is not the only reasonably-priced delicacy on the menu. It's worth your while waiting. Or we can continue on, fortified or not, to the left and enter into the world of Berequias Zarco and, with him, into the world of The Last Kabbalist of Lisbon and his Little Jerusalem, which the Alfama was the Jews. In its alleys Berequias Zarco walked, ran, hid, visited, prayed. Any spot here is worthwhile visiting. Stop, look and listen — just as if you were crossing a busy road. Because you might catch sight of some beautiful wrought iron work, a little house from the 16th century, Moorish remnants, traces of Jewish life, a palace from the 18th century, one or more sculpted crows, a palace that was both an hotel and a prison (remember Tranströmer's two gaols?). Let us enter through Rua de São Pedro, then continue along the streets named after São Miguel, be it Beco, Largo or Rua. The important thing is that we continue to climb upwards and to the left, towards the belvedere known as Miradouro de Santa Luzia, which we arrive at after climbing the steps of Rua Norberto de Araújo.

And don't forget the smells; don't forget them, because sensing the smells of Lisbon as one walks through the city is one of the best ways of getting to know it. That goes for Remarque's fugitive, too, who had the time to convey to us his sensations: "The smells of fish, garlic and honeysuckle mingled in the air, to which was added the soft fragrance of slumber and of a sun already dead". Are these smells making you hungry? Then listen to these lines that those grilled sardines I can intuitively smell have brought to my mind:

"... I, having left my shoal, am already dead.

Fat and tender, I was made for the mouths
of the people of Lisbon. I have not much time
left.

Creature of a gluttonous god,

I went from the water to the air on my way to
the fire."

They are from *Discurso da Sardinha* (Discourse of the Sardine) by Sarner.

If you happen to have found a seat to rest and to take in the view afforded by the **Miradouro de Santa Luzia**, then you are right to do so. No doubt you are tired. We still have a bit to go to get to the castle. But, don't worry; it's not too far.

Miradouro de Santa Luzia
Santa Luzia Belvedere

acrescenta à rua pelo menos beco, ou largo, ou escadinhas...), até chegar ao Largo do Contador-Mor.

Aquele refugiado incógnito subiu a Alfama e vai também a **caminho do Castelo**. Na sua hora, nocturna, ele «cresce na noite enluarada e a luz vai descendo em cascata pelos inúmeros degraus». Quero agora deixá-los com o demorado ascenso quase iniciático de Alves Reis ao Castelo, o nosso *Homem de Lisboa*, também a subir numa noite de luar para o Castelo, Alves Reis, que aqui já vai, nesta rua «a dobrar-se sobre si própria, subindo cada vez mais ao longo das portas estreitas e sombrias, onde cães e gatos rosnavam enquanto dormiam. Algures, num dos recantos do bairro, cantava uma mulher, a voz impregnada de uma angústia emocional que Alves nunca imaginara que pudesse existir.

[...] ali estava ele, na parte mais antiga de Lisboa, subindo em direcção às muralhas do grande Castelo de São Jorge, que fora a altaneira sentinela de guarda à cidade desde a época em que os Celtas e os Fenícios e o grego Ulisses construíram os seus templos e fortes na imponente colina que dominava o porto do Tejo [...]

Parou para descansar junto do portão que conduzia aos terrenos do castelo. Para lá dele, o caminho era estreito e ainda mais íngreme. Quando entrava, bateram-lhe no rosto videiras e flores, e reinava ali uma calma quase palpável. Ouviu o esparrinhar de uma fonte, o vento nas copas das árvores, o arrulhar e o cacarejo de aves exóticas, invisíveis na noite.

Caminhou, ao longo dos maciços canhões de ferro fundido apontados por sobre os telhados da cidade para o porto, aspirando o aroma das tílias e das flores, em direcção às muralhas interiores do castelo, que se erguiam, tenebrosas, no céu nocturno. Subiu as escadas de degraus baixos, atravessou pontes de pedra, entrou pelas portas de carvalho de dois pés de espessura, com gonços que rangiam devido à ferrugem do tempo, passou junto de água que gotejava ininterruptamente, pelos tanques pouco fundos, e entrou no pátio propriamente dito onde os Mouros tinham substituído os Romanos e, por sua vez, tinham sido substituídos pelo rei cristão Afonso Henriques, que em 1147 conduziu os seus cavaleiros pelos caminhos traiçoeiros, com Portugal na mão de Deus e dos Seus servos...

Subiu ainda mais, pelos perigosos degraus estreitos, até às ameias, de onde podia avistar os intermináveis telhados cor de ferrugem da sua

Alfama. I, your humble guide, do not have all the words to describe it. In his verses Tomas Tranströmer has found the space and time to give us his "electric" perception:

"The washing hung in the blue. The walls were hot.

The flies read microscopic maps".

And even to add an enigmatic note:

"Six years later I asked a lady from Lisbon:

Did this happen like that or did I dream it?"

The Alfama is all this, too.

We have to go... The castle beckons. If the Alfama means something different to each man, then so does the Castelo de São Jorge. For Gonzalo, in Tirson, it was the most praiseworthy aspect of Lisbon, a "superb machine".

So now cross Rua da Santa Luzia and turn into the Travessa of the same name (in the Alfama, a cherished street name is usually used to denote an additional lane, square, steps...), which you go up as far as Largo do Contador-Mor.

That unknown refugee climbed the Alfama and is also on his way to the Castle. At his nightly hour he "grows in the moonlit night and the light falls in cascades down the numerous steps". I would now like to give you an account of the slow and almost initiatory ascent of Alves Reis, our Man of Lisbon, up to the Castle. He too makes the walk up on a moonlit night. Here he comes now along this street "bent over, climbing higher and higher close to the narrow and shadowy doorways, where dogs and cats growled in their sleep. Somewhere in one of the corners of the quarter, a woman sang, her voice impregnated with an emotional anxiety that Alves had never imagined possible.

(...) there he was, in the oldest part of Lisbon, going up in the direction of the walls of the great Castle of Saint George, which had been the lofty sentinel guarding the city since the time in which the Celts and the Phoenicians and Ulysses the Greek built their temples and forts on the imposing hill that dominated the gateway to the Tagus (...) He stopped to rest by the gateway to the grounds of the castle. Ahead of him the path was narrow and even steeper. When he went in, grape vines and flowers brushed his face; an almost palpable calm prevailed there. He heard the babbling of a fountain, the wind in the crowns of the trees, the cooling and cackling of exotic birds, invisible in the night.

He went on, past the solid cast iron cannons pointing over the rooftops of the city to the port,

cidade, a enorme Praça do Rossio vazia e silenciosa».

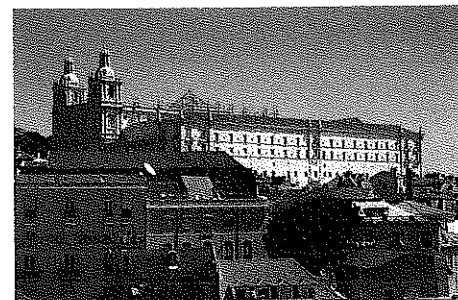
O Castelo; nele recebe D. Manuel Vasco da Gama depois da viagem fabulosa e nele canta Caetano à sua Lua, como lembra Sarnier, nocturno. E então a amanhecida? Espectacular! Melhor, deixo o Ángel Crespo que a conte:

«O ar enche-se de miradas e voos de pássaros quando amanhece junto às esquinas de Lisboa, e as torres se espreguiçam enquanto os seus ninhos se libertam de plumas e os sinos e os ruídos dos motores põem em movimento braços, êmbolos, rodas e corações enganados pelo sono.

Uma janela abre-se em Alfama, e depois outra e outra ainda, e a respiração dos imóveis fede e perfuma ao mesmo tempo os grandes lençóis de ar que um milhão de mãos sacode sobre as ruas pombalinas, visitadas pelos pardais...»

Vamos para **São Vicente**. Para os lados da igreja do castelo está o Largo do Menino de Deus. Podem decidir o caminho. Quicá o mais curto é este que vai dar aí ao Largo Rodrigues de Freitas, nele metendo pela Travessa do Açougue para a Rua de Santa Marinha e já Rua de São Vicente, largo (de São Vicente, claro) e calçada do mesmo. Outra hipótese, para os que ainda queiram roçar Alfama, é vir aqui à Calçada do Menino de Deus e dar à Rua das Escolas Gerais cruzando a de São Tomé. Seguindo a Rua das Escolas Gerais, sempre à esquerda, damos com a Calçada de São Vicente. Eu gosto do Largo Rodrigues de Freitas porque ali sonhei mundos entranháveis no **Museu da Marioneta**, onde tudo está à altura da mão e do sentimento.

São Vicente dos corvos, inevitável visita ao seu



breathing in the aroma of the linden trees and the flowers and on towards the interior walls of the castle, which rose darkly against the nocturnal sky. He went up the flights of low steps, crossed bridges of stone, entered through doorways of oak two foot thick with hinges that creaked because of time-induced rust, he went past water dripping incessantly from the shallow ponds and entered the patio itself where the Romans had been succeeded by the Moors, who, in turn, had been succeeded by the Christian King Afonso Henriques, who, in 1147, had led his knights along the treacherous path, with Portugal in the hand of God and His servants...

He climbed even further up the dangerous narrow steps, up to the battlements, from where he could look over the never-ending rust-coloured roofs of his city, the huge Rossio Square empty and silent below".

The Castle; here King Manuel had received Vasco da Gama on his return from his fabulous voyage and here Caetano sings to his Moon, as Sarnier reminds us.

And the city in the early morning? Spectacular! But it's best if I let Ángel Crespo tell you:

"The air fills with gazes and flights of birds when it dawns on the corners of Lisbon, and the towers stretch themselves while their nests free themselves of feathers and the bells and the noises of engines put into movement arms, pistons, wheels and hearts cheated of their slumber.

A window opens in Alfama, then another and yet another still, and the breathing of the furniture at the same time furls and perfumes the great sheets of air that a million hands shake out over the Pombaline streets, visited by the sparrows..."

Let us go on to São Vicente. Behind the Church in the castle is the Largo do Menino de Deus. You can choose the way. Perhaps the shortest is this one leading down to Largo Rodrigues de Freitas. Then we take the Travessa do Açougue to Rua de Santa Marinha and then turn into Rua de São Vicente and Largo de São Vicente (there is also a Calçada de São Vicente). The alternative would be to turn into the Calçada do Menino de Deus, taking us down to Rua das Escolas Gerais, which crosses Rua de São Tomé. Keeping to the left on Rua das Escolas Gerais, we automatically come

São Vicente de Fora
São Vicente de Fora

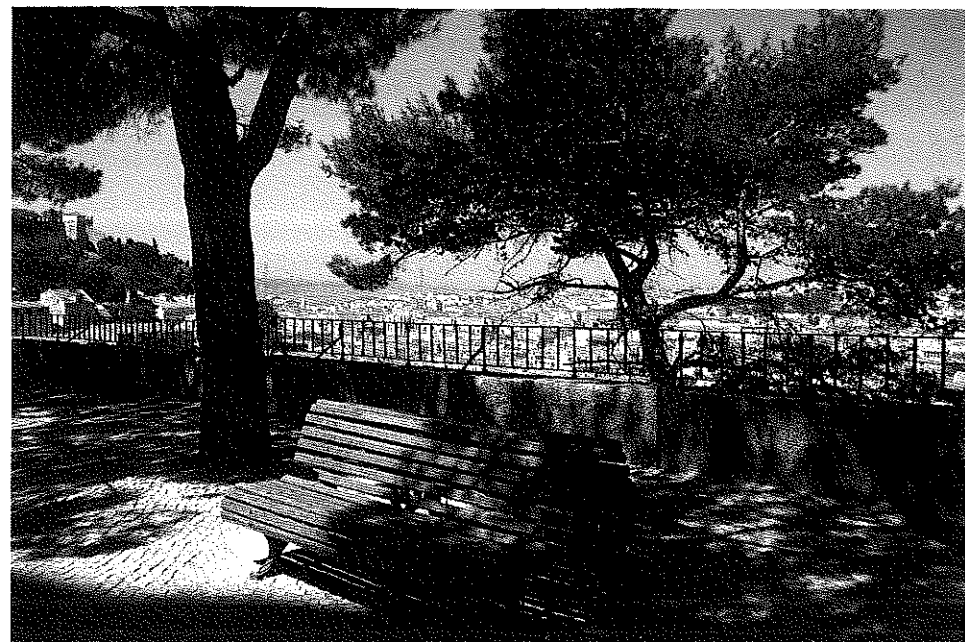
templo, bem situado, assoalhado, renascentista, órgão bellissimo, cisterna agostinha, claustro de azulejos e painéis para La Fontaine. E onde antes se comia, agora para sempre os Braganças, entre vísceras, intrigas e venenos.

Está fresquinho nesta São Vicente e é de agradecer. À saída, mais quente. E agora? Agora subir, não podia ser de outra maneira. Aqui à esquerda, vão pela Rua Voz do Operário. Parem na Associação José Afonso, o Zeca, olhem, lembrem, saibam, alguma coisa, a evocar, Zeca, que alto nome! Do Grândola ao Venham Mais Cinco; de O Que Faz Falta ao nosso caro Papuça. Continuamos a subir. Eu sei, é cansativo, mas é o que tem orgulhar-se de Sete Colinas: afinal elas existem, incontornáveis. Já cá estamos no **Largo da Graça**. Já aqui é conforme; estados de ânimo e físico. Este Galego gostava de que os senhores, as senhoras visitassem o Bairro. Lá na Rua da Graça ainda se conserva a entrada do Cinema Royal, o primeiro que passou cinema sonoro em Lisboa. Apetece ir vendo essas lojas de nomes engraçados, estes tipos que lá no largo estão. E ir à Estrela d'Ouro, uma vila fundada nos começos de século por um empresário, Agapito Serra Fernandes, para alugar aos seus trabalhadores. De Agapito,

to Calçada de São Vicente. I like Largo Rodrigues de Freitas because there, in the **Puppet Museum**, I dreamed of fantastic worlds, where everything is reduced to the hand and the emotions. São Vicente of the crows, a visit to his temple is a must — ideally placed, bathed in sun, Renaissance, beautiful organ, an Augustinian cistern, cloisters with azulejos and La Fontaine panels. And, there where the monks used to eat, the Braganças lie amongst viscera, intrigues and venom.

There is a pleasant coolness in São Vicente. Outside it's hotter. Where to now? Upwards again, what did you expect? Up here to the right, Rua Voz do Operário. Stop a while at the Associação José Afonso, also known as Zeca, and look, remember, think of something to evoke Zeca himself, what a great figure; from Grândola to Venham Mais Cinco; from O Que Faz Falta to our revered Papuça. Then we can continue upwards. I know, it is quite tiring, but this is what being proud of having seven hills is about: after all, they do exist, all of them unavoidable. And here we are in **Largo da Graça**. And the square is exactly as it's name says: graceful, full of spirit. As a Galician, I would be pleased if you explored this neighbourhood. Straight

Miradouro da Graça
Graça Belvedere



meu compatriota, era também o cinema: já deduziram pela estrela: nós cá temos de tudo. Saibam que estão num dos bairros mais tradicionais da cidade e que aqui acaba o nosso percurso. Mas vamos, sim, para o Miradouro da Graça: «— Que impressão lhe fez Lisboa?». Isto pergunta Das Viernas a Henri em *Os Mandarins*, de Simone de Beauvoir.

«— É uma cidade muito bonita! — exclamou Henri. O olhar escureceu e Henri acrescentou, com um sorriso:

— Devo dizer que ainda não vi grande coisa.

— Normalmente, os franceses que aqui vêm arranjam-se de maneira a não verem nada. — resmungou Das Viernas, rancoroso. — O vosso Valéry admirou o mar, os jardins. Para o resto, ficou cego. O velho fez uma pausa:

— Também prefere fechar os olhos?

— Pelo contrário! — assegurou Henri — Só peço que me deem uma oportunidade para me servir deles. [...]

— Já dei uma volta, ontem, pela colina da Graça — disse Henri.»

Não era pouco. Das Viernas pretendia mostrar-lhe a face oculta daquela Lisboa da Ditadura; mas nós, que agora só cá viemos a contemplar uma cidade e as suas gentes, felizmente com Salazar e Caetano (Marcelo, não o nosso Veloso) lá atrás, muito atrás, estamos neste miradouro como Cristo e o Diabo naquelas tentações bíblicas. Cá têm a cidade a seus pés, e a seus olhos, gostos, peles, odores, ouvidos. Escolham. Deixo-os com os versos que de uma mansarda mesmo aqui ao pé na Rua Damasceno Monteiro, escreveu a olhar o que nós olhamos agora o Carlos Quiroga, «Minarete Sul»:

«Qualquer coisa de privilegiado neste estar a olhar a ferugem do dia nos telhados ao fim da tarde quente de inverno enquanto escrevo (mas escrevo realmente) que os estou a olhar na cidade rugosa e única ao sul aí pra mim um mar confusamente harmónico de quadros vermelhons entre o mármore ao pé da janela e o castelo de s. jorge no meio do topo verde com duas bandeiras como velas dalgum aniversário épico a que estou convidado de longe e duas lagoas de tejo lá no fundo dos lados em lampejo imaculado de lenço branco e aberto em volta ao seu pescoço

ahead, in Rua da Graça, the entrance to the Cinema Royal has been conserved. This was the first cinema in Lisbon to show talking movies. An attractive idea is to have a look at all the shops with their funny names, the ones that are still there in the square. And to go to Estrela d'Ouro, a residential complex founded at the turn of the century by an entrepreneur, Agapito Serra Fernandes, who rented the dwellings to his workers. Agapito, a compatriot of mine, also owned the cinema: here we have a hand in everything. And here you are in one of the most traditional quarters of the city and here, too, our tour comes to an end.

But, before it does, let us go to the belvedere, the Miradouro da Graça:

«— What impression did Lisbon have on you?»

Das Viernas puts this question to Henri in *The Mandarins* by Simone de Beauvoir.

«— It is a very pretty city! — Henri exclaimed.

His face darkened and Henri added, with a smile: — I should say, though, that I have not seen much of it.

— Normally, the French who come here find a way of not seeing anything — Das Viernas grumbled rancorously. — Your Valéry appreciated the sea, the gardens. He was blind to the rest. The old man paused:

— Do you, too, prefer to shut your eyes?

— On the contrary! — Henri assured him — I only ask that I am given reason to make good use of them. (...)

— Only yesterday, I took a walk around Graça hill — said Henri.»

Which is quite a walk. But Das Viernas wanted to show him the hidden side of the Lisbon of the Dictatorship; but we, who are here now looking down at the city and its people, Salazar and Caetano (Marcelo, not Veloso) behind us, way behind us, thank God, we are at this belvedere like Christ and the Devil in the temptations in the desert. Here you have the city at your feet, for you to see, taste, touch, smell and hear. Choose. I leave you with the verses of one who wrote as he looked down at the same sight as we now have before us from his attic window in Rua Damasceno Monteiro, just around the corner from here. I leave you with Carlos Quiroga and Minarete Sul: "There is something privileged about looking at the rust of the day on the roofs at the end of a hot winter afternoon while I write (and I really am writing) that I am looking out at

cantos de galo a esta hora talvez desnorteada,
couves cinzentas e
limoeiros no meio das casas, telhado inclinado
para tanta luminosidade gasta do fim da tarde,
do acabar de domingo,
do desaparecer para sempre o mês
tanto vidro neste minarete de águas furtadas
que dá para ver até as
torres das amoreiras lá por cima
primeiras luzes na ribeira do outro lado do rio,
regulares em breve
cordão de 12 pontos, 12,
agora alfama ao pé do castelo, e em breve
começa a nascer o mar de
estrelas, a apagar o vermelho apagado dos
telhados.
Caíram umhas gotas neste último dia de
fevereiro (as nuvens
continuam carregadas de promessas)
desse céu em que raramente se repara aqui
porque o seu prodígio
está na luz que derrama por ruas e paredes»
Podem descer (agora o prazer de descer!) para
o Martim Moniz, mesmo por estas escadinhas que
aqui vão por baixo do miradouro. Pela Rua dos
Lagares, vão para a travessa e daí ao Largo do

*the crumpled and unique city to the south of
me
a confusedly harmonious sea of red paintings
between the
marble next to the window and the castle of st.
george
in the midst of the green peak with two flags
like the candles of some
epic anniversary I am invited to attend at a
distance
and two lagoons of tagus down at the bottom
on each side in the immaculate gleam
of a sheet white and open around its neck
a cock crowing at this perhaps bewildering hour,
grey cabbage and
lemon trees amongst the houses, roof inclined
for so much spent luminosity of the late
afternoon, of the end of the Sunday,
of the month disappearing forever
so much glass in this attic minaret that one can
see as far as
the towers of amoreiras up there
the first lights on the waterfront on the other
riverbank, regular in a short
string of 12 points, 12,
now the alfama at the foot of the castle, and*

Basilica da Estrela
Basilica da Estrela



Terreirinho. É a **Mouraria**. W. Dalrymple diz ser
ela «tal como era a cidade inteira [...] as ruas tão
estreitas e irregulares que os pisos superiores dos
dois lados se tocam quase e interceptam o ar e
o dia...» Por fim, seguindo a Rua dos Cavaleiros,
chegam ao Largo Martim Moniz. Apanhem o 28,
o eléctrico n.º 28, para matar saudades recentes
do seu alto (Nota de rodapé: Sarnier: «Eléctricos:
em andamento, pedaços de cor, puzzles das
paredes e dos passeios. Os velhos eléctricos
percorrem os velhos bairros de Lisboa. Morrem
uns atrás dos outros, mas nem todos. O 28, por
exemplo, não conseguiria morrer. Parte do Largo
Martim Moniz, lugar-tenente de Afonso Henriques,
continua para a Rua da Graça, roça o Castelo,
segue para a Sé, desce a Rua da Conceição,
paralela ao Tejo, na Baixa, e, pela mesma via,
sobe ao Chiado e depois mais para cima até à
Estrela.») Desçam naquele lugar a que já querem
voltar. Ou então vão até à última paragem. Ao pé
do Cemitério dos Prazeres, que, se forem horas
antes das 18, ainda podem fazer visita ao Fernando
lá enterrado. Isto é a Estrela e a Lapa.

*soon the sea of stars
will begin to appear, extinguishing the muted
reds of the roofs.
A few drops fell on this last day of February (the
clouds
continue loaded with promises)
from this sky which one rarely notices here
because its prodigy
is in the light that pours onto walls and streets»*

And now you can go down to Largo Martim Moniz
(finally the pleasure of going down!). You can use
these steps below the belvedere. You then go
along Rua dos Lagares, through the Travessa of
the same name and into Largo do Terreirinho.
This is the **Mouraria** district. W. Dalrymple wrote
that it was "like the whole city itself was (...) the
streets so narrow and irregular that the upper
storeys on both sides almost touch each other
and intercept the air and the daylight..." We finally
arrive at Largo Martim Moniz through Rua dos
Cavaleiros. Take the number 28 tram here so that
you can still your recently-acquired longing for
being on heights (Footnote: Sarnier: "Street trams:
in movement, pieces of colour, jigsaw puzzles of
the walls and walkways. The old street trams run
through the old quarters of Lisbon. One after the
other they die, but not all of them. The 28 line,
for example, has not managed to die. It starts at
Largo Martim Moniz, Afonso Henrique's lieutenancy,
goes up to Rua da Graça, rounds the castle, goes
down to the Sé, goes down Rua da Conceição,
parallel to the Tagus in the Baixa, and, still on
the same line, climbs again up to the Chiado and
then further upwards to Estrela.") Simply get off
wherever you would like to return to. Or go on to
the last stop. To the Prazeres Cemetery, where,
if the clock has not yet struck 6 in the afternoon,
you can still visit Fernando Pessoa, who lies there.

Terreiro do Paço
(Praça do Comércio)

Terreiro do Paço
(Praça do Comércio)



Itinerário B

«Três grandes ruas paralelas, muito largas, bem alinhadas, ladeadas por largos passeios empedrados, prolongam-se numa extensão de oitocentos passos, ligando as duas praças [Rossio e Terreiro do Paço]. Uma das ruas é ocupada por ourives de prata, outras pelos do ouro, e são assim respectivamente designadas. Na do meio, chamada Rua Augusta, estão estabelecidos os mercadores de tecidos e de sedas.

Este bairro é soberbo.»

Pasmem: quem assim fala é o mesmo Carrère! Há algum senão, claro («Não é sem desagrado que vemos o mais belo bairro de Lisboa entregue a mercadores, cujas lojas baixas, sombrias, sem ornatos nem escaparates, são destituídas da beleza, do brilho e do aparato que ostentam as lojas da maior parte das grandes cidades.»), mas olhem que é um triunfo.

A Baixa. Agora, são tantas as ruas (ouro, prata, sapateiros, foram-se as ruas com o terramoto,

Route B

"Three grand parallel streets, very broad, well-aligned, flanked by wide stone-paved walkways, extend over a distance of eight hundred paces, connecting the two squares (Rossio and Praça do Comércio). One of the streets is occupied by silversmiths, another by goldsmiths and it is thus that they are called respectively. In the one in the middle, named Rua Augusta, merchants of cloths and silks are established.

This district is magnificent."

Incredible! This was written by none other than Carrère! Although there is a drawback, of course ("It is with displeasure that one sees the most beautiful district of Lisbon in the hands of merchants, whose low, dark stores that are void of ornamentation and vitrines, are destitute of the beauty, brilliance and grandeur of which shops in the majority of the great cities can boast"). Even so, this is nothing short of a triumph.
The Baixa. There are so many streets (named

vieram outras, ficaram ofícios e nomes), por onde vamos para o Rossio? Pela Augusta, não há dúvida. Nós, em grande. Vamos atrás do Krull, que há bocadinho e vindo do seu banco, sob esta espécie de Arco de Triunfo ou de portada monumental passou. Ele percorre-a há um século, «muito frequentada por peões e veículos»; e nós há quase sessenta e cinco acabámos de cruzar o doutor Pereira que vai com a sua mulher ao peito para o exílio após o seu acto supremo.

Por estas ruas convém ir com atenção, já repararam. Por exemplo, cruzámos a Rua da Conceição: se virem um homem de fato azul-marinho com um riscado muito fino vermelho e branco, que acaba de comprar num alfaiate desta rua um casaco com duas filas de botões à frente e um colete de abas estreitas, com camisa de colarinho mole de cor creme e gravata castanho-avermelhada, é que é o Carriscant, o nosso outro homem de Lisboa, e é 1936. E se virem uma mulher entranhável a passar pela Conceição e subir, devagarinho, a Calçada de São Francisco a caminho do Chiado, é a Mamãe do Caminho Longe numa das suas ensonhações queirozianas. A Baixa Pombalina.

«Entre sete colinas
À noite, pelos sobrados,
As janelas pombalinas
São como olhos fechados», cantou Ribeiro Couto.

Do outro lado, um pouco mais adiante, Andersen contempla «a larga Rua do Ouro». «Aí estão os ourives», lembra-nos, «em lojas umas atrás de outras, exibindo correntes de ouro, condecorações e outros esplendores», replica a Carrère. E mais contesta Gifford ao falar das suas «vitrinas refulgentes e opulentas».

E Giraudoux está feliz nesta Rua do Ouro porque numa loja encontrou atacadores amarelos para os seus sapatos.

De um momento a outro, Charteris pode fazer-nos aparecer Vicky Kinian à esquina desta Rua Áurea com a da Vitória, porque há pouco leu: «Quando chegares a Lisboa vai à Loja de Antiguidades Segurança, na Rua do Ouro, à esquina da Rua da Vitória. Lembrar-se-ão de mim. Pergunta pela caixinha pela qual paguei um depósito», nota que o pai lhe deixara... Parece emocionante esta aventura lisboeta de *O Santo*. Podemos perguntar na Segurança, ou, por exemplo, neste Restaurante Regional, aqui pertinho na rua paralela, «dos Sapateiros» (boa comida a bom preço, casa fundada por gente da minha terra, se sabem alguma coisa...

after goldsmiths, silversmiths, shoemakers, the old streets had disappeared in the earthquake, new ones were built, bringing with them the professions and their names) that will take us to Rossio. Which one shall we take? Rua Augusta, of course. Nothing but the best. Let's follow Krull, who has just left his bank and has passed through this triumphal arch or monumental gateway. He walked up this street a century ago and it was "very busy with pedestrians and vehicles". And roughly seventy-five years ago we would have just run into the famous Pereira who, with his wife pressed to his chest, is going into exile after his supreme act.

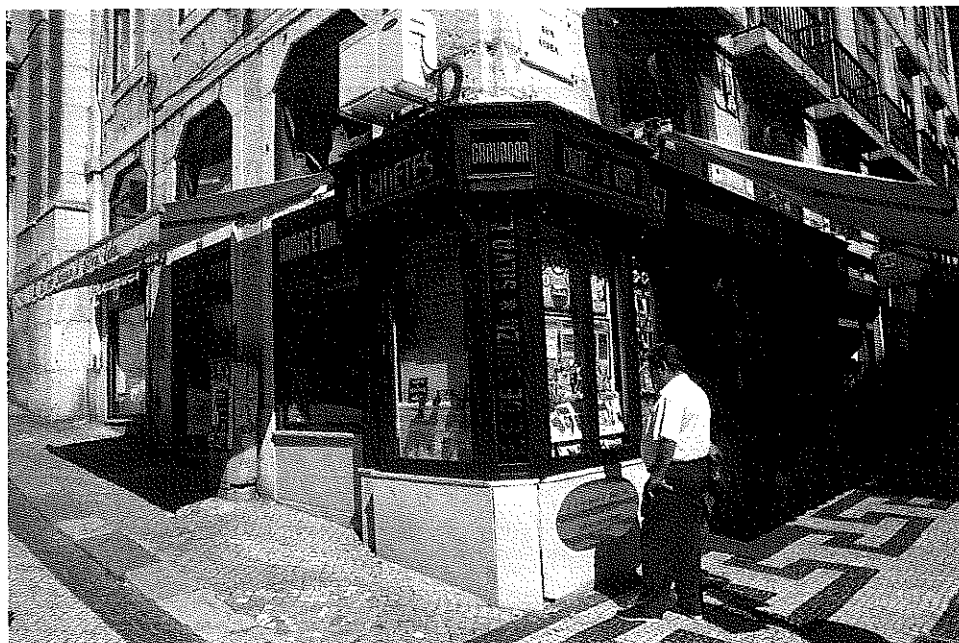
You have no doubt noticed that it is best to walk through these streets attentively. For example, we have crossed Rua da Conceição: if you see a man in a navy-blue suit with very fine red and white stripes, who has just bought a double-breasted jacket, a short-tailed waistcoat, a cream-coloured shirt with a soft collar and a reddish brown tie in a tailor's shop in that street, then that would be Carriscant, our man of Lisbon, and the year is 1936. And if you see a remarkable looking woman going along Rua da Conceição and slowly climbing Calçada de São Francisco in the direction of the Chiado, then she is the Maman from Caminho Longe in an episode of "Queirozesque" inspiration.
Pombal's Baixa.

*"Amidst seven hills
At night, with the shutters down,
The Pombaline windows
Are like eyes closed", sang Ribeiro Couto.*

To the left, a bit further ahead, Andersen is taking in the "wide Rua do Ouro". "There the goldsmiths are", he reminds us, contradicting Carrère, "in one shop after the other, displaying chains of gold, decorations and other splendours". And Gifford disagrees with Carrère even more strongly when he speaks of "resplendent and opulent vitrines".

And Giraudoux found happiness here in Rua do Ouro in the form of yellow laces for his shoes. Any moment now, Charteris' creation Vicky Kinian could appear at the corner of Rua do Ouro and Rua da Vitória, for she has just read the note her father had left her: "When you arrive in Lisbon go to the Segurança Antique Shop at the corner of Rua do Ouro and Rua da Vitória. They will remember me there. Ask for the little box I paid a deposit on". Certainly sounds exciting, this Lisbon adventure from The Saint novels. We could

Rua do Ouro
Rua do Ouro



Vejam se não há que andar com atenção. E isso que ainda não nos foi dado poder olhar através deste chão que pisamos, porque, além do metropolitano, com certeza encontraríamos sob nossos pés templos e casas, pontes e ruas romanos da cidade que foi e cá em baixo ainda é. Vão para a Rua da Prata, aí pertinho, e vejam as galerias romanas, seus incrédulos!

Seguindo por esta rua acima, entrámos na **Praça do Rossio** sob o Arco Sá de Bandeira. Fica aqui o primeiro Animatógrafo de Lisboa, ainda hoje vivo, embora dedicado a muito particulares animações..

No Rossio, afirma Giraudoux, «reencontra-se tudo o que a Europa perdeu ou deixou cair». Esta praça é, por antonomásia, lugar de encontro. O nosso *Homem de Lisboa*, Alves Reis, cruza-a agora. Vem de volta, de uma pequena papelaria da Baixa. Félix Krull, que lá deixámos a entrar na Augusta, acaba também de chegar:

«Atingi o Rossio com as suas duas fontes de bronze, a sua coluna comemorativa e o seu pavimento de mosaicos que formam estranhas linhas de vagas. Aí, tive ainda motivo para me informar, junto dos passeantes e dos ociosos,

ask at Segurança or, for example in the Restaurante Regional here in the parallel street, Rua dos Sapateiros (good food at good prices, a house founded by compatriots of mine), if they know something...

So, you see we have to walk with our eyes wide open here. What we are not able to do is look through the ground on which we are walking, because, in addition to the Metro, we would be sure to find Roman temples and villas, bridges and streets, remnants of the city that was and, down there, still is. Go over to Rua da Prata, so close by, and take a look at the Roman tunnels, if you don't believe me!

Going up Rua dos Sapateiros, we enter Praça do Rossio through the Sá de Bandeira arch. Just before the arch is Lisbon's first cinema, the Animatógrafo; it still functions today, though now it is dedicated to entertainment of a more particular kind...

According to Giradoux, in Rossio "one encounters all that Europe has lost or discarded". The Rossio is predestined, if only for reasons of antonomasia, to be a popular meeting place. Our Man of Lisbon, Alves Reis, is crossing it now. He is on his way



Praça do Rossio
Praça do Rossio

sentados nos bordos das fontes e que se aqueciam ao sol. Perguntei-lhes sobre os edifícios pitorescamente erguidos contra o azul do céu, muito alto por cima das casas que ladeavam a praça, ou sobre as ruínas góticas de uma igreja, [...] Em baixo, a fachada de um teatro fechava um lado da praça, enquanto dos outros lados se enquadravam lojas, cafés e restaurantes. Tendo abundantemente satisfeito o meu gosto de tomar contacto com toda a espécie de filhos dessa terra estranha, fingindo um grande ardor de me instruir, instalei-me na mesinha dum terraço de café para repousar e tomar o meu chá.»

Sarner já cá estava; com sede. O Nicola, antiquíssimo, o Chave de Ouro já sugerira, a Pastelaria Suíça, colocámos nós, do outro lado da praça que foi de galegos de Verim, onde Kyria está a beber uma cerveja depois de um pleno dia de sol em Caparica, a olhar e ser olhado ele também; e fica perto, a Suíça, de onde estava o Restaurante Irmãos Unidos, desaparecido há trinta anos, o Restaurante de Orpheu e propriedade dos pais de Alfredo Pedro Guisado, amigo íntimo de Pessoa... e galego de origem, claro.

Kay está excitada ao cruzar a praça: «Pela primeira

back from "a small stationery store in the Baixa".

Felix Krull, who we last saw entering the Rua Augusta, has also just arrived:

"I arrived at the Rossio with its two fountains of bronze, its commemorative column and its pavement of mosaics forming strange wave-like lines. There, I had reason to acquire information from the passers-by and the idlers who, seated on the sides of the fountains, warmed themselves in the sun. I asked them about the buildings picturesquely rising against the blue of the sky high above the houses flanking the square, or about the gothic ruins of a church, (...) At the bottom, the façade of a theatre closed off one side of the square, while the other sides consisted of shops, cafés and restaurants. Having satisfied to the full my liking for establishing contact with all kinds of children of this strange place, feigning a great eagerness to learn, I sat down at a table outside a café to rest and have some tea".

Sarner was here too, and thirsty he was, too. The Nicola — age old; the Chave de Ouro was to come later; the Café Suíça was set up by us, Galicians from Verim, on the other side of square, where

vez senti a autêntica excitação de viajar, aquela estranha sensação de deslocamento, enquanto nós passeávamos, estrangeiros anónimos nesta cidade hospitaleira e decrépita.»

O Gonzalo do *Burlador* sabe que há quinhentos anos ou algo mais o mar banhava a areia do Rossio, «grande, soberba, bem distribuída», e que, no seu agora, «há entre ela e o mar trinta mil casas feitas», todas feridas ou irremediavelmente mortas com o terramoto a que Gonzalo não assistirá.

Mas esta praça conta outras desgraças. Nela arderam muitos, entre os quais o Mestre Salomão, o ourives, repare, que olha tragicamente para um Berequias Zarco que estremece. Isto de ser de nação diferente era já de seu delito. Parece-me estar ainda a ouvir a história de Wilhelm Richter com as pessoas a gritar-lhe «Herege, herege!» nesta Praça do Rossio, há mais de três séculos, só porque ele vinha de terras de Reforma... E ainda bem que este teatro se levanta sobre o que fora edifício da Inquisição. Teatro chamado de D. Maria II, mas que devia ser chamado de Garrett, em honra do dramaturgo que o concebeu como contributo para a reforma do teatro nacional português em 1836.

Contígua a esta praça está a da Figueira. Movimentada também, injusta secundária à sombra da de D. Pedro IV. Aqui tinha o seu local o Pete, *Pacífico Sul* e *Outras Narrações*, de Taibo, temido e respeitado em todo o Bairro Alto, com o seu corvo adestrado. Talvez por aí ande a tomar o sol à porta da casa, o corvo. Foi esta praça, ainda ficam restos, lugar de mercado e festa. Lichnowsky, em 1842, assistiu a alguma celebração nocturna, em que «ao clarão de muitas lanternas e lâmpões, e por entre as mercadorias e os compradores, aparecem bandos grotescamente vestidos, e têm lugar danças nacionais». «Apesar de todo este júbilo», adverte, «a função muitas vezes não acabava sem se dar alguma facada»... Já à direita do Rossio, podemos imaginar, neste Largo de D. João da Câmara, Kay e Carriscant a beberem um digestivo, nesse café aí mesmo, onde agora está este banco. Era o Martinho, «majestosamente espaçoso. Uma grande sala com grossas colunas, cornijas embutidas de espelhos altos de moldura dourada, cheia de sóbrias mesas de madeira com tampo de mármore», conta Kay, como numa fotografia do Arquivo da Câmara...

Do outro lado está a Estação Central, onde a Julie e o Steve de *Michel Vaillant*, *O Homem de Lisboa*,

Kyria is now drinking a beer after a beautiful day of sun in Caparica, watching and being watched. And the Sulfa is close to where the Restaurante Irmãos Unidos was, which disappeared thirty years ago and was the meeting place for Pessoa's Orpheu magazine and was owned by the parents of Alfredo Pedro Guisado, an intimate friend of Pessoa's and a Galician by birth, of course.

Here comes Kay, excited as she crosses the square: "For the first time I felt the authentic excitement of travel, that strange sensation of being out of place, as we walked, anonymous strangers in this hospitable and decrepit city".

Gonzalo from the Burlador knows that five hundred years or so ago the sea water washed the sands where the Rossio now stands ("grand, magnificent, well-proportioned") and that, as it is now, "there are between it and the sea thirty thousand houses", all damaged or irremediably destroyed by the earthquake that Gonzalo would not witness. But this square has other disgraces to tell. Here many were burnt, amongst them Master Solomon, the goldsmith — see how the tragic figure looks down at the trembling Berequias Zarco. His only crime was belonging to a different nation. I think I can still hear the story of Wilhelm Richter with the people shouting "Heretic, Heretic" here on this square more than three centuries ago, merely because he came from the land of the Reformation... And it's just as well that that theatre now rises where once was the building of the Inquisition. The theatre is called Dona Maria II, but it should be named after Garrett, the playwright who founded it as a contribution to the reform of the Portuguese national theatre in 1836.

Adjacent to the Rossio is the Praça da Figueira. Also busy, it unjustly plays second fiddle to that of Dom Pedro IV. Here, Pete from Taibo's Pacífico Sul e Outras Narrações had his place, feared and respected, as he was, with his tame crow, in the whole of Bairro Alto. Perhaps the crow is there now basking in the sun at the door. This square was a place for markets and feasts. In 1842 Lichnowsky witnessed nocturnal festivities here, in which "in the light of many lanterns and lamps, and in the midst of the merchandise and buyers, grotesquely dressed bands appear and perform national dances". "Despite all this jubilation", he point out, "the events rarely end without a stabbing"...

Back in the Rossio, to the left behind the theatre, we can imagine Kay and Carriscant having a digestif in the café on Largo Dom João da Câmara,

desenha Jean Graton, acabam de parar a perguntar a um casal por onde se vai para o Bairro Alto; à frente, Restauradores. Vamos nós para o Chiado, e antes, para o Carmo. Podemos fazê-lo por estas ruelas íngremes, já se sabe, pelo Largo do Cadaval à Calçada do Carmo. Ou podemos acompanhar esta manifestação que agora entrou na praça. Pelos gritos sabemos ser uma manifestação do Primeiro de Maio em época de Ditadura. De aqui distingo Sara, acompanhada de Laurindo e Furtado; aí estão os três, «no meio de duas centenas de estudantes e trabalhadores, gritando vivas ao 1.º de Maio e Abaixo o Fascismo, sem bandeiras nem cartazes», a juntarem-se a outras centenas neste Rossio. É a luta anti-fascista. É também a luta anti-colonialista desta *Geração da Utopia* e de Pepetela, que aqui vem porque alguém gritou o mais proibido «Abaixo a Guerra Colonial, Independência para as Colónias». Lá no fundo do Rossio, a barreira da polícia. O pessoal sai de cafés e bares, dos empregos a olhar, quase como antes vinham a assistir aos autos-de-fé. A manifestação desloca-se para a direita e vai para o Chiado pela Rua do Carmo. Para passar pela sede do *República*, jornal opositor. Vamos com ela. Mas, pronto, ainda podemos ir pelo

which is now a bank. The café was the Martinho "majestically spacious. A large room with stout columns, cornices inlaid with high gold-framed mirrors, full of simple wooden tables with marble tops", as Kay describes it, as if she were looking at a photograph from the city archives... On the other side of the street is the Central Station, where Julie and Steve, from Jean Graton's comic Michel Vaillant, L'homme de Lisbonne (yet another Man of Lisbon!) have just stopped to ask a couple the way to Bairro Alto. Ahead of us is Restauradores. But we are off now to the Chiado and, before that, the Carmo district. We could take the steep streets up (you know that already) via Largo do Cadaval and Calçada do Carmo. Or we could accompany this demonstration that has just come into the square. The chants tell us that it is a Mayday demonstration at the time of the dictatorship. From here I can make out Sara, in the company of Laurindo and Furtado. There they are, the three of them "in the midst of two hundred students and workers, shouting '1st of May Forever' and 'Down with Fascism', without banners or placards", as they join up with several hundred more here in the Rossio. This is the anti-fascist struggle. It is also the anti-colonialist struggle of



Estação do Rossio
(Estação Central)

Estação do Rossio
(Estação Central)

Elevador de Santa Justa, se houver cansaço. Complementando os eléctricos, esta síntese vertical que parece o Elevador de Santa Justa. Vejam bem: para Larbaud era a sua principal recordação de Lisboa.

De elevador vão agora José Bandeira, Arnaldo e Alves, «uma obra de arte com uma estrutura de ferro barroca, que fazia lembrar um grande Meccano semelhante, no traçado, à Torre Eiffel, o que não era de admirar, visto que o próprio Eiffel desenhara e construíra o elevador. [...] Lentamente, as rodas rangeram, fazendo-os subir para a poalha de sol por cima do largo. Alves insistiu em passar alguns momentos na ponte panorâmica, abarcando com os olhos a cidade — as colinas ondulantes que rodeavam o seu núcleo central, as ruínas do castelo envoltas numa ligeira neblina, a larga superfície do Tejo a sul, as jeiras de telhas laranja-ferrugem que encimavam os prédios brancos, a vegetação espessa das encostas das colinas...»

(Devo acudir a desfazer um equívoco. Tudo bem, mas não, não é do senhor Eiffel a obra, mas de Raoul Mesnier.)

«Quando após algum tempo na Baixa», comenta Sarnier, «a cidade plana nos sufoca; quando procuramos em vão duzentos e cinquenta relógios que o Marquês de Pombal, após o terramoto, aí mandou colocar para dar aos portugueses a noção do tempo, quando queremos descobrir outras perspectivas, temos o elevador de Santa Justa. Caminhamos direitos ao céu, através de trevos e ogivas de ferro fundido coberto de tinta cinzenta. Lá em cima, uma escada em caracol conduz-nos a um pequeno bar suspenso no meio do nada, sobre a cidade. Descemos mais um andar, continuamos em frente pela passarela, chegamos ao Carmo: uma das duas mais antigas igrejas de Lisboa. Só estas duas, o Carmo e a Sé, sobreviveram ao terramoto de 1755, mas o Carmo mais atingido, mais belo. A catástrofe de há dois séculos só deixou de pé o pórtico, meio enterrado no chão, o coro e quatro capelas. Caminhamos sobre a relva por entre peças de cerâmica, estátuas jacentes, lajes com inscrições latinas e hebraicas; o local tornou-se um museu arqueológico a céu aberto. É aqui que dormem todos os gatos, os pombos, eu sei lá, a maior parte dos fantasmas de Lisboa. Pedras, animais, fantasmas, e por cima, a abóbada celeste. O Carmo, teatro sem tecto.» «Pétreas costelas das ruínas a destacarem-se sobre o céu do ocaso», chamou-as Miguel de Unamuno a olhar desde o pé de D. Pedro IV no Rossio.

this, the Utopia Generation, and of Pepetela, who has come here because someone has dared to shout the most forbidden cry of all "Stop the Colonial Wars, Independence for the Colonies". At the other end of the Rossio is the police barrier. Workers leave their posts in the cafés and bars and offices to watch, almost like those before them had come to see the autos-da-fé. The demonstration turns right and heads up Rua do Carmo towards the Chiado, so that they can pass by the offices of the opposition newspaper, the República. Let's go that way, too. But we can also take the Elevador de Santa Justa if you're feeling tired.

Complementing the tram system, the elevator appears to us as its vertical synthesis. For Larbaud it was the thing he best remembered about Lisbon. On their way up now are José Bandeira, Arnaldo and Alves: "a work of art with a baroque iron structure that reminded one of a large Meccano construction similar in design to the Eiffel Tower, which was hardly surprising given that Eiffel himself had designed and built the elevator. (...) Slowly, the wheels turned and creaked, taking them up into the sunlit dust above the square. Alves insisted in whiling a few moments on the panoramic platform, embracing the city with his eyes — the undulating hills of its central nucleus, the ruins of the castle enveloped in a fine mist, the wide expanse of the Tagus to the south, the acres of rusty orange slates forming roofs on top of the white buildings, the dense vegetation on the slopes of the hills".

(Here I must intervene to correct a misunderstanding. The above is all very well, but the lift is not the work of Mr. Eiffel but of Raoul Mesnier.)

"After some time in the Baixa", writes Sarnier, "the flat city centre suffocates; when we have searched in vain for the two hundred and fifty clocks that the Marquis of Pombal had installed there after the earthquake in order to give the Portuguese a feeling for time, when we want to find other perspectives, for this we have the Elevador de Santa Justa. We go straight up towards the sky, through clover and arches of cast iron covered in grey paint. Up there, a spiral staircase takes us to a little bar suspended in the nothingness above the city. We go down one level and continue on over the walkway, thus arriving at the Carmo: one of the two oldest churches in Lisbon. Only these two, the Carmo and the Sé, survived the earthquake of 1755 — the Carmo more afflicted,

Em 1389 foi levantado o Convento. Foi por voto e acção de Nuno Álvares Pereira, o condestável herói de Aljubarrota. Deram já as suas cinzas, aí primeiro enterradas, porque aí morreu, muitas voltas e translados. Como diz Reinhold Schneider, o mais certo é elas terem sido dispersadas com o abalo, «como se o terramoto quisesse banir também o passado».

Muito mal passado foi banido em 25 de Abril de 1974, quando neste quartel da Guarda Nacional Republicana, aqui ao lado, o ditador Marcelo Caetano se rendeu às tropas e ao povo que com elas vinha.

Do Carmo e pela Calçada do Sacramento chegamos à Rua Garrett. Contempla Larbaud como descem belas damas pela Garrett. Agora andaré acompanhado por Ramón Gómez de la Serna por estas ruas da Baixa e Chiado, e talvez encontrem o Guilherme de Le Prê Jean a sair do Hotel Borges. Anos antes destes vinte, nos setenta do século passado, Maria Ratazzi contava modistas por dúzias nesta mesma Garrett e calculava quantas «elegantes» em Lisboa haveria... Cedo teriam os Grandes Armazéns Grandella, mortos de incêndio.

Este Chiado. Bem-haja arquitecto Álvaro Siza Vieira, Pombal destes tempos de incêndio, 1988, a resgatar-nos os espaços e dar-no-los como uma bênção que agradecemos. Rua Garrett excepcional, «Trezentos metros de comprimento, não larga, toda a gente de Lisboa se cruza ali»; esta que se ouviu é a voz de Suzanne Chantal, a informar-nos. «Toda a Lisboa dos comunicados mundanos, dos ecos maliciosos, das intrigas literárias: Ninguém habita no Chiado, mas toda a gente lá passa, pelo menos uma vez por dia.» É o seu Chiado imutável. «O velho Ribeiro, com o seu ar de Voltaire escarninho, está ali à sua vontade como no tempo do Rei-Piedoso. Garrett poderia ali escolher uma gravata a criar um dito de espírito, como tanto gostou de fazer toda a sua vida.»

António Ribeiro Chiado, frade devasso para alguns, início de heterodoxos para muitos, ora *pro nobis*. Por isso, o Chiado não é apenas lugar de chegada; de partida também. Ao Manuel de Paul Morand, no *Prisioneiro de Sintra*, bem lhe dizia uma voz quando adolescente, «uma voz mais profunda que a sua própria voz, que o universo não acabava em Lisboa, no Chiado, na Garrett. Que ainda teria tempo para a aventura»; mas, se dúvida havia, por alguma coisa seria...

A Academia das Belas Artes está pertinho. Quem desce o Chiado, à direita, tomando pela Rua Ivens,

but beautiful. The catastrophe of two centuries ago left only the portico, half buried in the ground, the choir and four chapels standing. We walk across the grass in between pieces of ceramic, fallen statues, stones with Latin and Hebrew inscriptions; the church has been turned into an archaeological museum open to the skies. And it is here that the cats, pigeons and, for all I know, the spirits of Lisbon sleep. Stones, animals, spirits and, above it all, the celestial canopy. The Carmo — a theatre without a roof."

«Stone ribs of the ruins sticking out into the evening sky", is how Miguel de Unamuno sees the church from the foot of the Pedro IV column in Rossio square.

The convent had been erected in 1389, at the wish of Nuno Álvaro Pereira, the commander and hero of the battle of Aljubarrota. His remains, which were first buried there because it was there that he died, have since travelled much. As Reinhold Schneider tells us, it is most likely that they were dispersed by the tremor "as if the earthquake had wanted to expel the past". A particularly disagreeable past was wiped out on 25th April 1974, when, in the neighbouring barracks of the National Guard, the dictator Marcelo Caetano surrendered to the troops and the people that had rallied to them.

From Largo do Carmo we go down Calçada do Sacramento to Rua Garrett. Larbaud observed the elegant ladies walking down this street. Perhaps now he is walking in the company of Ramón Gómez de la Serna through the streets of the Baixa and Chiado and might encounter Guilherme from Le Prê Jean coming out of the Hotel Borges. Some years before, Maria Ratazzi counted dressmakers by the dozen here in Rua Garrett and wondered how many "elegant ladies" there was in Lisbon... Soon afterwards the Grandella department store would arrive, only to be later destroyed by fire. The Chiado. Three cheers for Álvaro Siza Vieira, a Pombal for the era after the fire (of 1988), for restoring the spaces and giving them to us like a blessing for which we are thankful. Rua Garrett is an exceptional street: "three hundred metres long, not very wide, the whole of Lisbon society meets there"; this is the voice of Suzanne Chantal, who goes on to inform us: "All the Lisbon of the worldly gossip, the malicious echoes, the literary intrigues: no one lives in Chiado but everyone goes there, at least once a day." The eternal Chiado. "The old Ribeiro, with his air of a jeering Voltaire, is just as at home here now as in the times of

está no seu largo. Vão ali, passando antes pela Bertrand, a caminho de três séculos vendendo e editando livros, e olhem, à altura do n.º 12, de dia ou, melhor, à noite: está linda agora a Sé; intui-se esplendorosa a Grande Praça. O Tejo é ele só um fascínio.

Voltamos à Garrett. Saibam que estamos na aldeia, barroca, de Fernando Pessoa. O sino dela é o desta Igreja dos Mártires, aqui à esquerda ao pé da Bertrand, e mais à frente a Encarnação, fronteira à da Nossa Senhora de Loreto, missas só em italiano. Pela Serpa Pinto (parem, há bom museu de arte contemporânea) damos ao Largo de São Carlos, onde está o teatro do mesmo nome, que o Byron assiste e o nostálgico Lichnowsky lembra como um dos mais belos e consideráveis edifícios da cidade, e nós por num destes prédios ter morado o poeta.

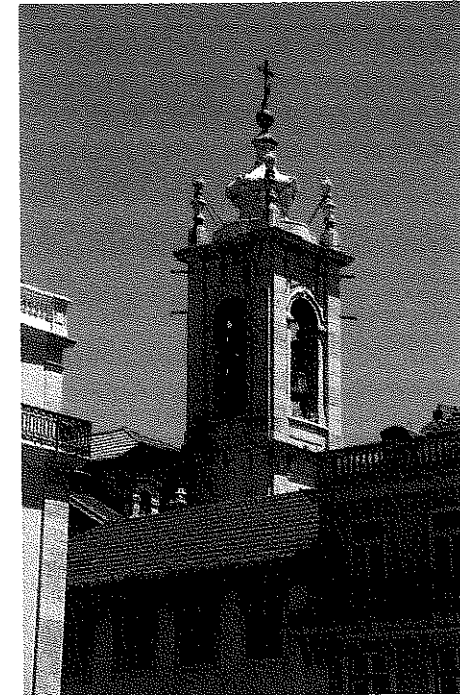
«Na parte mais alta e mais frequentada da cidade será erguido um monumento a Camões. A praça tem já árvores e flores e a base de o monumento foi deixada sem a estátua que suportava e que foi apeada, pois está sendo esculpida uma nova.» Não tirei estas frases de um guia actualizado. São de Andersen, da sua viagem em 1866, que quase sempre chega antes. A estátua foi colocada ao

King João the Pious. Garrett could pick out a necktie here, exclaiming some witty remark, as he enjoyed doing all his life.

António Ribeiro Chiado — a debauched monk to some, the beginning of heterodox opinions to many others — pray for us. For this reason, the Chiado is not only a place at which one arrives, it is also a place of departure. Manuel, from The Prisoner of Sintra by Paul Morand, was told by a voice when he was an adolescent, "a voice deeper than his own voice, that the universe did not end in Lisbon, in the Chiado, in Rua Garrett. That he would still have time for adventure..." But, if there was doubt, there would be reason for that... The Academy of the Fine Arts is close by. Coming down Rua Garrett, you turn right into Rua Ivens and it is in the square to which it has given its name. Go there, and pass by the Bertrand bookshop, with its three hundred year history of selling and publishing books, on the way. At number 12 in Rua Ivens stop and look — either during the day or, even better, at night — at the beauty of the Sé; the splendour of the Praça do Comércio is also tangible from here. And the Tagus is pure fascination.

Let us go back to Rua Garrett. You should know

Igreja dos Mártires
Igreja dos Mártires



Igreja dos Mártires
Igreja dos Mártires

that we are in the baroque village of Fernando Pessoa. The village church bells are those of the Igreja dos Mártires, the church of the martyrs here on the left next to Bertrand. Further ahead are the Igreja da Nossa Senhora da Encarnação opposite the Igreja do Loreto, where mass is held in Italian. If we turn into Rua Serpa Pinto, we arrive at Largo de São Carlos, with the opera of the same name (further down Rua Serpa Pinto is a very good modern art museum). Byron went to São Carlos and the nostalgic Lichnowsky remembers it as one of the most beautiful and remarkable buildings in the city. And in one of the houses opposite the opera, the poet himself was born.

"In one of the high-lying and most frequented parts of the city, they are going to put up a monument to Camões. The place is already planted with trees and flowers, and the plinth has been put up but not the statue — it was rejected and another is being cast."

I have not taken these lines from a modern-day guide. They are by Andersen, from his journeys of 1866. He almost always got there first. The statue was put up the following year. Now, however, we can see neither statue, nor plinth, nor trees. Regrettable, but it is due to the building of an underground car park that Luís (de Camões) cannot be of service to us. He will return. And with him will return a little girl who runs her fingers along the bronze inscription at the foot of the statue. "She does this with extreme care", writes Sarner, "and at the same time she talks to the poet perched on top. She shouts words to him that only the two of them can hear." Largo de Camões: that taxi over there on the corner, with its motor running and the driver impatient, is waiting for the narrator from Requiem, who has just gone into the Café Brasileira. He must have gone right past the table where Komrij is seated, telling of his Business Lunch in Sintra, this in 1984. He is saying now that it took him seven hours to get a seat at the Brasileira, Pierre Kyria's Café de Flore in Lisbon and for Komrij "the wild dog amongst cafés, where, at first sight, everything happens without order or sense". He continues: "Whoever passes by the next day discovers that there is a system to the mayhem, a ritual of humours in rapid mutation". And if it is a Sunday afternoon, now doubt you will meet Andresa, the creation of Orlanda Amarilis, in conversation with a Cape Verdean gentleman. All you need is your imagination and, if that fails

ano seguinte. Só que agora já nem temos base nem flores. Lamento: é por causa de um estacionamento subterrâneo que agora o Luís (de Camões) não pode atendê-los. Voltará. E com ele voltará uma miúda a passar os dedos pelas letras de bronze no sopé da estátua. «Faz isso com um cuidado extremo», diz Sarner, «ao mesmo tempo que fala com o poeta empoleirado. Grita-lhe palavras que só os dois conseguem ouvir.» O Largo de Camões: esse táxi que aí está, na esquina, com o motor a trabalhar e o condutor impaciente, está à espera do Narrador de Requiem que acaba de entrar na Brasileira. Este passou mesmo ao pé da mesa onde está Komrij, contando o seu *Almoço de Negócios em Sintra*, neste seu ano 1984. Diz agora que só depois de sete horas se conseguiu sentar na Brasileira, o Café de Flore lisboeta de Pierre Kyria, «o cão-ruivo entre os cafés, onde, à primeira vista, tudo decorre sem ordem nem tento», de Komrij. «Quem aí passou alguma vez um dia seguido», continua, «sabe que há um sistema na agitação, um ritual de humores em rápida mutação.» E se a tarde for de Domingo,

com certeza encontrarão Andresa, a de Orlanda Amarílis, a falar com algum patricio cabo-verdiano. Baste então a imaginação, e, se ela faltar, aqui tem um dos retalhos mais sugestivos desta cidade: esta Rua do Alecrim, com o rio ao fundo, e ainda mais além a Lisnave, onde soube algum galego marinho que a sua filha era nascida e pegou num táxi ida-por-volta à terra só por e para vê-la.

Vamos embora. É tempo cumprido. Vamos subindo aqui pela Trindade. Se houver fome ou sede, podemos ainda parar na muito antiga cervejaria. Se a fome é de livros raros ou antigos, então estamos de parabéns, várias e boas são as lojas de alfarrabistas que há no nosso contorno; e se há que estender a fome ao espectáculo, estende-se: aproximem-se do teatro para ver qual o que está em cena.

Sublimos: mais uma vez o Largo Trindade Coelho; vamos já conhecendo a paisagem, vai ela entrando em nós; continuamos a subir. Outra vez o Miradouro de São Pedro de Alcântara; vão, vão, que nunca se farte um de olhar! A noite anterior, por exemplo, andou o Luisinho de Caminho Longe a olhar também; doutro ponto, mais para os lados de São Bento, mas a olhar o mesmo. Ele melhor,

you, here you have one of the most inspiring corners of the city: Rua do Alecrim, with the river down at the bottom and further beyond the Lisnave shipyard, where a Galician sailor once found that a daughter had just been born to him and got into a taxi for a round trip to Galicia just to see her. Let's go on. Our time here is over. Let's go up along Rua Nova da Trindade. If you're hungry or thirsty, we could stop at the old beer hall, also called Trindade. If your hunger is for rare or old books the many good antique bookstores in this neighbourhood will satisfy your needs. And if your craving can only be satisfied by the theatre, then why not have a look at the Teatro da Trindade to see what they are playing.

We continue upwards and arrive once more at Largo Trindade Coelho. We are gradually getting to know our way around, gradually interiorising the cityscape. Still we continue upwards. Here again is the São Pedro de Alcântara belvedere. Go ahead, have another look, for it is a view of which you will never tire! The night before, for example, Luisinho from Caminho Longe was here taking in the view, from a different point, albeit, but looking all the same. He looks through this telescope, enraptured; in adventures and voyages

Rua do Alecrim
Rua do Alecrim



Calçada Portuguesa
Calçada Portuguesa

com o seu óculo de cana, extasiado Luisinho, em viagens e aventuras «vão-se-lhe os olhos, à-vontade, pelos altos do Campo de Santana, com edifícios incorporados, conventos de antigamente transformados em hospitais de corredores vidrados, tufos de árvores nos parques de grande copa verde-clara, onde as aves vinham pousar, até à margem do rio em que residia nhã Laura, cabo-verdiana outrora linda, pelos traços que lhe conheço, [...] E Alfama dos fados, e São Vicente de Fora?... Penachos de fumo, encarquilhados, subiam para o céu escuro e saturado de vapor das fábricas com as fornalhas esprevidadas. Estando o céu claro, vista do óculo, a cidade era irreal sob o manto de flutuações da lua».

Continuamos. Aí têm alguma loja de antiguidades, quase em frente o Pavilhão Chinês; venham à noite tomar um copo, que há-de estar o Carlos Quiroga a contar as suas histórias lisboetas de Periferias.... E já aí está o Príncipe Real; outra praça para estar, com tempo, com quotidiano. Cenário do Anjo Negro: «o jardim do Príncipe Real, com a árvore centenária e o seu conjunto de casas amarelas, a rua estreita percorrida por um eléctrico ferrugento, aquela noite fria de um ano longínquo».

Mais à frente, na Rua da Escola Politécnica, já se adivinham os portões do Jardim Botânico, à porta o nosso director do Museu de História Natural nele sediado, professor Kuckuck, já sabemos. «A sua primeira visita deverá ser para o Jardim Botânico, sobre as colinas de Oeste. Não tem igual na Europa inteira, graças a um clima em que a flora tropical prospera tanto como a da zona temperada...»

Isto e mais dissera o professor Kuckuck a Félix Krull, que agora o visita:

«Coníferas gigantes, com a altura de cinquenta metros, provocavam espanto. Palmeiras

"his eyes move of their own free will, over Campo Santana with the hill and the buildings blending into one, the convents of old transformed into hospitals with connecting glass corridors, the broad, light-green tops of trees in the parks where the birds stopped to rest, and down to the banks of the river where lives Laura, from Cape Verde, once very beautiful, as her features still show, (...) And the Alfama of the fados, and São Vicente de Fora?... Curving plumes of smoke rose up to the sky, which was dark and saturated with the fumes of the factories with their furnaces active. With a clear sky, the city, seen through the telescope, looked unreal in the flickering light of the moon".

Let us go on. Here you have several antique shops, and further ahead the Pavilhão Chinês. Go there at night for a drink. Carlos Quiroga will no doubt be there, telling some Lisbon stores from his Periferias... And ahead of us is Príncipe Real — another square in which to spend some time and relax. A setting for the Black Angel: "the garden of Príncipe Real, with its one hundred year old tree and its rows of yellow houses, a rusty tram running through the narrow street, that cold night in a distant year".

Further ahead, in Rua da Escola Politécnica, one can already make out the gates of the Botanical Gardens. At the gate is Professor Kuckuck our Director of the Museum of Natural History based there, as we already know.

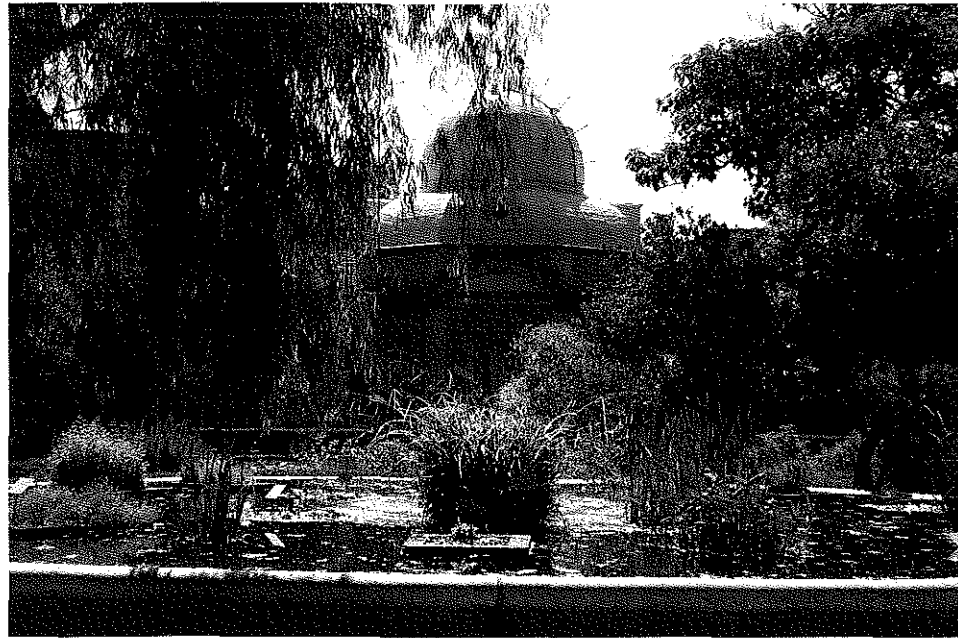
"The first place you should pay a visit to is the Botanical Garden on the hills to the west. It is unequalled in all of Europe, thanks to a climate in which tropical flora thrives just as well as that of the temperate zones..."

Professor Kuckuck said that, and more, to Félix Krull, who is now visiting the garden:



Jardim do Príncipe Real
Príncipe Real Garden

Jardim Botânico
Botanical Garden

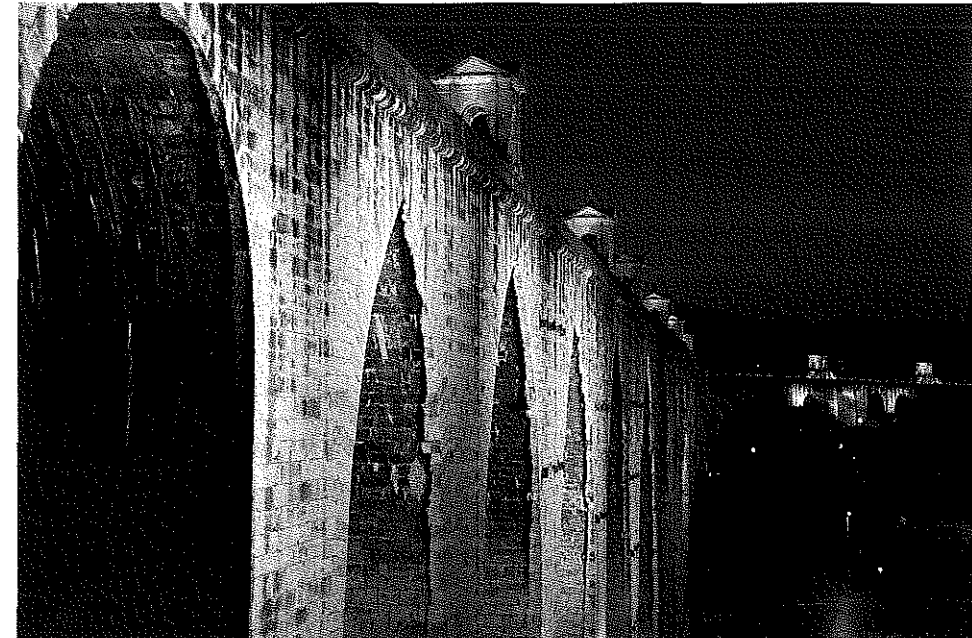


empenachadas em leque, de todas as variedades e vindas de todos os cantos do mundo, pululavam nos jardins de recreio de tal forma que às vezes a vegetação luxuriosa apresentava o aspecto da floresta virgem. Variedades de canas exóticas, de bambus e de papiros orlavam os lagos decorativos, onde nadavam patos com popa e 'mandarinos' multicores.

Admiravam-se os múltiplos espécimes de 'Jucas' com o verde-escuro dos seus cimos folhudos, de onde saíam grandes tufos de flores brancas em cachos. Havia, além disso, fetos arbóreos, da mais alta antiguidade — que em muitos lugares formavam bosques, numa desordem inverosímil, e que se alargavam em frondes e em coroas de largas folhas portadoras de esporângios, como nos ensinou Hurtado. Fez-nos notar que os fetos arbóreos só existiam em raras regiões. Acrescentou, além disso, que a todas as variedades de fetos (embora eles não tivessem flor, nem semente) a credulidade dos primitivos ligava desde a noite dos tempos virtudes secretas. Imaginavam, nomeadamente, que serviam para filtros de amor.» Aqui, neste jardim, ficamos crédulos voluntariosos nas virtudes secretas desses fetos; espero que

"Huge conifers, reaching heights of fifty metres, provoked amazement. Fan-shaped palm-trees of all varieties and from all corners of the world grew in these pleasure gardens to the extent that at times the luxurious vegetation had the aspect of a virgin forest. Species of exotic canes, bamboo and reeds lined the decorative ponds in which ducks and multihued mandarins swam. One marvelled at the many species of yucca with the dark green of their leafy tops, from which spikes of white flowers fell in clusters. Furthermore there were tree ferns of the most advanced ages — which in many places formed woods of incredible disorder and which spread out in fronds and crowns of wide leaves carrying sporangia, as Hurtado taught us. He pointed out that the tree ferns existed only in a few regions. He also added that, from the beginning of time, the beliefs of primitive peoples linked all varieties of ferns (although they had neither flower nor seed) to secret powers. They believed, namely, that they served as filters of love."

Here, in this garden, we are willing to believe in the secret powers of these ferns; I hope they produced the desired effect, and that we have



Aqueduto das Águas Livres
Aqueduto das Águas Livres

eles tenham provocado o efeito desejado, e nós termos sido como um humilde filtro para a Lisboa que aí está. Daqui, podem ir para o Largo do Rato e voltar ao ponto de partida; e daí a novos rumos. Firmino, lembram? Está parado precisamente no semáforo do largo. Talvez esteja a olhar para cima, para os lados por onde passa o Aqueduto das Águas Livres, que mede 18 quilómetros, dá água a boa parte dos chafarizes da cidade, foi começado em 1729 e acabado em 1748. Dados rápidos para a única coisa de Lisboa que suscitou positiva unanimidade entre todos os viajantes de Lisboa... São simpáticos os bares e bonitas estas ruas, com o seu jardimzinho a convidar uma assentada.

Vão e, se quiserem, voltem por estes lados de Tabucchi. É bonita a Rua do Salitre, que sai ao encontro da Nova de São Mamede e da Rodrigo da Fonseca desde o Largo do Rato. Tadeus corre na noite desde o Príncipe Real e passa agora mesmo em frente do talho judaico. Na Rua Rodrigo da Fonseca está a redacção cultural do Lisboa, sua o caro Pereira entre o calor e a responsabilidade que o aflige. Mas parece algo mais aliviado, apesar da encosta que vem subindo a muito custo, a Rua

been a humble filter of the Lisbon as it is. From here you can go on to Largo de Rato and then back to the starting point; and from there on to discover new things. Remember Firmino? He has stopped at the traffic lights in precisely this square. Perhaps he is looking up towards the Aqueduto das Águas Livres, the aqueduct which measures 18 kilometres long and delivered water to most of the fountains in the city. It was begun in 1729 and was completed in 1748. Some short information on the only thing in Lisbon that provoked a unanimous positive reaction amongst all the travellers in Lisbon... The bars are agreeable and the streets are pretty around here, with the little garden inviting the passer-by to sit down and rest.

Go there, if you like, and then return here to the square and to Tabucchi. The Rua do Salitre, which begins at Largo de Rato and crosses Rua Nova de São Mamede and Rua Rodrigo da Fonseca, is also worth visiting. Tadeus is running down from Príncipe Real and is now passing in front of the Jewish butcher's. In Rua Rodrigo da Fonseca are the offices of the arts editorial team of Lisboa, our dear Pereira is sweating with the heat and

Rua Rodrigo da Fonseca
Rua Rodrigo da Fonseca



da Imprensa Nacional, em direcção à Igreja de São Mamede pela presença fresca e odorosa dos jacarandás, árvore fascinante, nome tupi «o que tem a cabeça dura», origem brasileira, memória eterna de floração conservada apesar de mudar de clima e território. Pau-santo não nos faltes e siga a Rosa a sorrir.

the responsibility he has to bear. But he seems to be somewhat more relieved, despite having to walk up the hill that is Rua da Imprensa Nacional in the direction of Igreja de São Mamede, by the fresh and fragrant jacarandas, a fascinating tree of Brazilian origin whose Tupi-Indian name means "that with the hard head". The eternal memory of uninterrupted blossoming despite the change of climate and territory. Palisander do not fail us and continue to smile like the Rose.

Bibliografia • Bibliography

- ADRAGÃO, José Vitor; PINTO, Natália; RASQUILHO, Rui: Lisboa: Presença, imp.1985.
- AMARILIS, Orlanda: Cais-do-Sodré té Salamansa, Coimbra, Centelha, 1974 [anos 70]
- ANDERSEN, Hans Christian: Uma visita em Portugal em 1866 / trad. e notas de Silva Duarte. - 2ª ed. - Lisboa: Inst. de Cultura e Língua Portuguesa, 1984. [1866]
- ARAUJO, Norberto de: Peregrinações em Lisboa / descritas por Norberto de Araújo, acompanhadas por Martins Barata. - Lisboa:Parceria A.M. Pereira, s/d.
- ARRAZI, Ahmede in VIEIRA, Alice, Esta Lisboa, Lisboa, Caminho, 1993 [SÉC. X]
- Baradez, François: "Saudades de Lisboa, a cidade das sete colinas...", Revista Municipal, Lisboa, Câmara Municipal, nº 48, 1951.
- BAUDELAIRE, Charles: "Spleen de Paris / trad. de A. Pinheiro Guimarães, Porto, Div. 1963. [1869]
- BAZADEZ, François: Saudades de Lisboa, a cidade das Sete Colinas / Revista da Câmara Municipal,
- BEAU, Albin Eduard: "Goethe e a cultura portuguesa", Coimbra, Separata de Biblos, XXV, 1950 [GOETHE, COMEÇOS DO SÉCULO XIX, 1810]
- BEAUVUOIR, Simone de: Os mandarins, trad. Alexandre Neves. - Amadora: Bertrand, 1976. - 2 v. [1944]
- BECKFORD, William: Diário de William Beckford em Portugal e Espanha / introd. e notas de Boyd Alexander, trad. e pref. João Gaspar Simões. - 2ª ed. - Lisboa: Biblioteca. Nacional, 1983. [1796]
- BENOIT, Pierre: Le prêtre Jean. - Paris: Albin Michel, 1952. [1918]
- BETTENCOURT, Gastão de: Lisboa no folclore e na poesia culta do Brasil / Revista Municipal, Lisboa, Câmara Municipal, nº 60, 1954.
- BOYD, William: A Tarde Azul, trad. de Paulo Faria, Lisboa, Relógio D'Água, 1995. [1936]
- Byron, George Gordon, Baron: Childe Harold's Pilgrimage in The Complete poetical works /; ed. de Jerome J. McGann. - Oxford: Clarendon, 1980- [1809]
- CARNARON, Earl of: Portugal and Galicia. - London: J. Munny, 1861. [1827]
- CARRERE, J.B.F.: Panorama de Lisboa no ano de 1796 / trad. de Castelo Branco Cahves, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1989. [1796]
- CARTLAND, Barbara: Amantes em Lisboa: trad. Joana da Silva. - Lisboa: Difusão Cultural, imp. 1991. - [2]
- CARVALHEIRA, Armindo J. De Sousa: Viajantes Alemães em Portugal no séc. XVII. Três relatos de viagem e duas Robinsonaden, Lisboa, Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1996
- CASADO MARTÍNEZ, X. Manuel: Os preludios, Sada, O Castro, 1980. [1980 aprox.]
- CENTENO, Y. (org.): O imaginário da cidade de Lisboa / [colóquio], Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.
- Cervantes Saavedra, Miguel de: Los Trabajos de Persiles y Sigismunda : (historia septentrional); Intr. e ed. de Emilio Carilla. Salamanca: Anaya, 1971 [1581-2]
- CESAR, Ana Cristina: Inéditos e Dispersos, s/l Brasiliense, s/d. [década de 70]
- CHABLOZ, Jean Pierre: Um recanto do paraíso em pleno coração de Lisboa / Revista Municipal. - Lisboa. - N. 92/93, (1962), p.23-[32] [1962]
- CHANTAL, Suzane: Lisboa / - Revista Municipal. - Lisboa. - N. 24/25 (1945), p.11-16
- CHANTAL, Suzane: A caravela e os corvos: o romance de Lisboa / trad. de Maria Eduarda Andrade. - Lisboa: Portugal Editora, s/d. [primeira citação, do terramoto: 1755/citação do Chiado: anos 1940 aprox.]
- CHARTERIS, Leslie: O Santo e o mistério de Lisboa / trad. Fernando Pinto Rodrigues. - Lisboa: Livros do Brasil, [D.L.1972] [1970]

- COUTO, Ribeiro: Nocturno da Baixa / Revista Municipal. Lisboa, Câmara Municipal, - N. 132/133 (1972), p.[52]-53 [desconheço o ano; viveu entre 1898 e 1963]
- CRESPO, Angel: Colección de Climas (1975-1978) in El Bosque transparente (poesia 1971-1981), Barcelona, Seix Barral, 1983.
- CRESPO, Angel: Lisboa mítica e literária / trad. Manuel José Trindade Loureiro. - Lisboa: Livros Horizonte, 1990
- DALRYMPLE, William: Reisen durch Spanien und Portugal im Jahr 1774 nebst einer kurzen Nachricht von der spanischen Unternehmung auf Algiers im Jahr 1775, Leipzig: bey Siegfried Lebrecht Crusius, 1778. [1775]
- DANTE ALIGHIERI: Obras completas de Dante Alighieri / trad. para o espanhol de Nicolas González Ruiz, sobre a interpretação literal de Giovanni M. Bertini, colab. de José Luis Gutierrez García. - 2ª ed. - Madrid: La Editorial Católica, 1965. [1300]
- EHRHARDT, Marion; HESS, Rainer; SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen: Portugal-Alemanha: estudos sobre a recepção da cultura e da língua portuguesa na Alemanha, Coimbra: Almedina, 1980. - [1980]
- FERNANDEZ DELGADO, Juan J: Lisboa: razão de amar, trad. Luísa Lobão Moniz. - Lisboa: Teorema, D.L., 1994. [1993]
- FIELDING, Henry: Diário de uma viagem a Lisboa / trad. Introd. e notas João Manuel de Sousa Nunes. - Lisboa: Atica, 1992. [1754]
- FLOR, João Almeida: "Byron em Lisboa" / João Almeida Flor. - Lisboa revista Municipal. - Lisboa. - S. 2, N. 1 (1979), p. 7-9
- FREITAS, Wanda de: Bibliografia sobre Lisboa Lisboa: Câmara Municipal, 1992.
- FREYRE, Gilberto: Aventura e Rotina, 2ª ed.Lisboa, Livros do Brasil, s/d. [1951]
- FRIESINGER HILL... [et al.].Le grand guide de Lisbonne / traduit et adapt. Alexis Gaimot et Pierre de Laubier [Paris]: Gallimard, cop.1991.
- GIFFORD, Thomas: O homem de Lisboa / trad. J. Peixoto e Eduardo Saló. - Lisboa: Livros do Brasil, [D.L. 1981]. [ALVES REIS, 1908 APROX.]
- GIRAUDOUX, Jean: Portugal... / [Paris]: Grasset, 1958 [1957 aprox.].
- GÓMEZ DE LA SERNA, Ramón: La Quinta de Palmyra, ed. de Carolyn Richmond, Madrid: Espasa-Calpe, 1982 [1920 aprox.]
- GRATON, Jean: O homem de Lisboa / Lisboa: Meribérica/Liber, D.L. 1992. [1984]
- GRIVEL, Charles: Précipité d'une fouille, Lédignan, Éditions Antigone, 1990. [1990 aprox.]
- Guisam Seixas, Joam: Origem certa do farol de Alexandria, Madrid, tcd, 1983 [1979]
- HEWITT, Richard: Uma casa em Portugal / trad. Fernanda Pinto Rodrigues. - 1ª ed. - Lisboa: Gradiva, 1997. [década de 90 aprox.]
- HOBHOUSE, John C.: Recollections of a long life, 1865 [1808]
- JACINTO, Jorge M. Laureano (ed.): Lisboa 94 always: roteiro / Lisboa: Produce, 1994.
- KESSEL, Joseph.: Os amantes do Tejo / trad. António Vieira. - Lisboa: Círculo de Leitores, 1974. [NÃO SEI O ANO]
- KOMRIJ, Gerrit: Um almoço de negócios em Sintra / trad. de Fernando Venâncio, Lisboa, Asa, 1999. [1984]
- KYRIA, Pierre: Lisbonne, Seyssel, Éditions du Champ Vaillon, 1985.[1964]
- LARBAUD, Valery: Jaune bleu blanc. - [Paris]: Gallimard-Nouvelle Revue Française, 1950 [anos 20, 1926 aprox]
- LICHNOWSKY, Príncipe: Portugal: recordações do ano de 1842 2ª ed. correcta e anot.. - Lisboa: Imprensa Nacional, 1845. [1842]
- LIMBERG, Johann von Rodden: MEMORÁVEL RELATO DE VIAGEM através da Alemanha, Itália, Espanha, Portugal, Inglaterra, França e Suíça, incluindo não só as cidades mais célebres mas também os tesouros e raridades mais notáveis, (...) e muitas outras notas curiosas, recolhidas pessoalmente com esforcado zelo nos citados países e trazidas a público com entusiasmo por Jonhann Limberg von Roden in CARVALHEIRA, Armindo J. De Sousa: Viajantes Alemães em Portugal no séc. XVII. Três relatos de viagem e duas Robinsonaden, Lisboa, Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1996 [1875]

LOUREIRO, M^a Carlos (org.): Poesia em Lisboa / Lisboa: Casa Fernando Pessoa, 1997.

MACAULAY, Rose: Ingleses em Portugal / trad. de Maria Fernanda Gonçalves, António Álvaro Dória. Porto: Civilização, 1950.

MADEIRA, Rogério Paulo da Costa: O imaginário de Lisboa no romance alemão após 1945: Bekenntnisse des Hochstaplers Felix Krull (1954) de Thomas Mann e Schwestern (1987) de Hanns-Josef Ortheil / - Coimbra: [s.n.], 1997. -Tese mestr. Literatura Alemã e Comparada, Univ. de Coimbra, 1997

MALVAR, Anibal C.: Um home que xaceu aqui, Barcelona, Sotelo Blanco, 1993 [anos 90].

MANN, Thomas: As Confissões de Félix Krull, Cavaleiro de Indústria, Lisboa, Estúdios Cor, 1957 [1895]

MILLÁN, José Antonio: Nueva Lisboa. Madrid : Alfaguara, D.L. 1995. [1954/futuro]

MIRANDA, Nuno de: Caminho longe, Lisboa, Livraria Portugal, s/d. [anos 70 aprox.]

MOISÉS, C. Felipe: Lição de casa & poemas anteriores, São Paulo, Nankin, 1998.

MOITA, Irsalva (coord.): O livro de Lisboa, Lisboa: Livros Horizonte, 1994.

Molina, Tirso de: El Burlador de Sevilla / ed. de Ignacio Arellano.15^a ed, Madrid: Espasa Calpe, 1989 [1619]

MORAND, Paul: Nouvelles Complètes, Paris, Gallimard, 1991 [1958]

Moreira, Maria da Assunção Judice (org.): - coord. Gabinete de Estudos Olisiponenses da Câmara Municipal de Lisboa.; Analíticos da revista municipal: 1939-1973 Lisboa: C.M., 1991. -

OSBERNO: "Conquista de Lisboa aos Mouros (1147)" /texto latino e trad. de José Augusto de Oliveira; pref. De Augusto Vieira da Silva, Lisboa, S. Industriais, da Câmara Municipal de Lisboa, 1935. [1147]

PAGEAUX, Daniel-Henri: Images du Portugal dans les lettres françaises, (1700-1755) Paris : Fondation Calouste Gulbenkian, 1971

PAGEAUX, Daniel-Henri: Le bûcher d'Hercule : histoire, critique et théorie littéraires, Paris : H. Champion, 1996

PASSOS, Carlos de: Obras francesas com notícias referentes a Lisboa / Revista Municipal. - Lisboa. - Nº 32 (1947), p. 66-68

PASSOS, John dos: The Portugal story: three centuries of exploration and discovery / - 1^a ed. - London: Robert Hale, 1970. [1928/1969]

PAULHAN, Jean: O Marquês de Sade e a sua cúmplice / trad. Alberto Nunes Sampaio. - Lisboa: Hiena, 1992. [reinado de D. João V, anos 1740 aprox.]

PEPETELA: A Geração da Utopia, Lisboa, Dom Quixote, 1992. Finais da década de 60-inícios de 70]

PESSOA, Fernando: Lisboa: o que o turista deve ver / trad.de Maria Amélia Santos Gomes, Lisboa, Livros Horizonte, 1997.

QUIROGA, Carlos: Gong, Ferrol, Fundação Artábria, 1999 [1998]

QUIROGA, Carlos: Periferias, A Corunha, Lalovento, 1999. [1999]

RATTAZI, Marie Letizia: Portugal á vol d'oiseau: portuguezes e portuguezas / - Rio de Janeiro: C. A. de Moraes, 1880. - [1876/1879]

REMARQUE, Eric Maria, pseud.: Uma noite em Lisboa /trad. Maria da Luz Mota Velga. - Mem Martins: Europa-América, 1976. [O FUGIDO: 1942]

Richter Wilhelm:O ROBINSON SAXÃO, ou o relato verídico de Wilhelm Richter, nascido na Saxônia, das suas viagens feitas no ano de 1691, partindo de Leipzig, através da Holanda, Inglaterra, França, Espanha, Portugal, a Grécia, a Servia, a Hungria (...). Dado a lume por ele proprio. [1691-1709]

ROCHA, Elza ; AGUALUSA, José Eduardo, SEMEDO, Fernando: Lisboa africana / 1^a ed. - [Porto]:Asa, 1993.

RODRIGUEZ BAIXERAS, X.: Fentos de mar; Sada, O castro, 1981 [1981 aprox.]

ROSCIONI, Giancarlo e SCUDDER, Giuliana: O Terramoto de Lisboa de 1 de Novembro de 1755, Lisboa, Separata de Estudos Italianos em Portugal, nº 24, 1965. [1965]

SADE, Marquês de: Aline e Valcour: romance / trad. Rubem Rocha Filho. - Rio de Janeiro: José Álvaro, 1969 [sob o reinado de D. João V, anos 40 do séc- XVIII aprox.]

SA[DE, l[ibne in VIEIRA, Alice, Esta Lisboa, Lisboa, Caminho, 1993 [SÉC. XIII]

SAINT-EXUPERY, Antoine de: Lettre à un Otagé / New York: Bretano's, cop. 1943. [1941]

SANTOS, p. B., rodrigues, t., noqueira, m.: Lisboa Setecentista vista por estrangeiros, Lisboa: Livros Horizonte, 1987

SARNER, Eric ; PRADO, Miguelanxo: Une lettre trouvée à Lisbonne - [S.l.]: DS, imp. 1995. - [Carta de Lisboa / trad. Meribérica Liber. - 1^a ed. - Lisboa: Meribérica/Liber, 1998.] [1995]

SCHIEDT, Hieronimus:Curto e verídico RELATO da Viagem de Erfurt, na Turingia, á antiga TerraPrometida e á CIDADE SANTA DE JERUSALEM, incluindo um esboço da situação daCidade e do estado actual do TEMPLO e DO SANTO SEPULCRO. Várias vezes relatados são ainda os Paísees, Cidades e Lugares pelos quais viajel em pessoa, por terra ou por mar, como sejam (...).in CARVALHEIRA, Armindo J. De Sousa: Viajantes Alemães em Portugal no séc. XVII. Três relatos de viagem e duas Robinsonaden, Lisboa, Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1996 [1614 aprox.]

SILVEIRA, L. (ed.): Ensaios de Kant a propósito do terremoto de 1755 /trad. de Luís Silveira, Lisboa, Publicações da Câmara Municipal, 1955.

SOUSA, Maria Leonor Machado de: Lisboa vista pelos estrangeiros: levantamento bibliográfico até ao fim do século XIX / Lisboa. - revista Municipal. - Lisboa. - S. 2, N. 5/6 (1983), p. 57-75

SOUTHEY, Robert Journals of a residence in Portugal, 1800-1801 and a visit to France, 1838: supplement by extracts from his correspondence / edição de Adolfo Cabral. - Oxford: The Clarendon Press, 1960.

SOUTHEY, Robert: Letters written during a journey in Spain and a short residence in Portugal 3th. ed. corrected and amended. - London: Longman, Hurst, Rees and Orme, 1808. - 2 v.. , [1796]

TABUCCHI, Antonio: A cabeça perdida de Damasceno Monteiro / trad. Thereza de Lancastre. - Lisboa: Quetzal, 1997. [1996]

TABUCCHI, Antonio: Afirma Pereira: um testemunho / trad. José Lima. - 2^a ed. - Lisboa: Quetzal, 1994 [1936]

TABUCCHI, Antonio: O anjo negro / trad. Maria da Piedade Ferreira, Cristina Mendes. Lisboa: Quetzal, 1992. [1969]

TABUCCHI, Antonio: O jogo do reverso / trad. Maria Jose de Lancastre, Maria Emilia Marques Mano. 1^a ed. Lisboa, Vega, 1984.

TABUCCHI, Antonio: Pequenos equívocos sem importância / trad. Helena Domingos, António Mega Ferreira. - Lisboa:Difel, 1988. [relato O Rancor e as nuvens, 1940 aprox.]

TABUCCHI, Antonio: Requiem: uma alucinação / Lisboa: Quetzal, 1991 [1991 aprox.]

TAIBO ARIAS, X. I.: Pacífico Sul e outras narraciões, Sada, O Castro, 1980[Pete, 1928]

THOMSEN, S. ULRIK: "Lisboa", In Poesia em Lisboa, LOUREIRO, M^a Carlos (org.):/ Lisboa: Casa Fernando Pessoa, 1997. [1987]

TRANSTRÖMER, Tomas: Collected poems, Newcastle: Bloodaxe Books, 1987. [1966]

TRANSTRÖMER, Tomas: Para vivos y muertos. Versões para espanhol do sueco de Roberto Mascaró e de Francisco Uriz e prólogo de Louise von Bergen, Madrid : Hiperión, 1992

VIEIRA, Alice: Esta Lisboa / fot. António Pedro Ferreira. - Lisboa: Caminho,, 1993.

VOLTAIRE, pseud.: Poema sobre o desastre de Lisboa / trad., coment. e notas de Luís Valle e José Alberto Valle. - Lisboa: Dir. Geral da Divulgação, 1983. [1755]

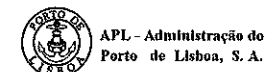
VOLTAIRE, pseud.: "Cândido e Pangloss em Lisboa" / Voltaire, [tradução de João Medina] In: Revista da Faculdade de Letras. - Lisboa. - 5^a s., nº 18 (1995), p. 79-84. [1755/ o livro Cândido ou o optimismo, donde é tirada esta trad., é publicado pela primeira vez em 1759]]

ZIMLER, Richard: O último cabalista de Lisboa / trad. José Lima. - 4^a ed. - Lisboa: Quetzal, 1997. [Séc. XV]

Entidades Promotoras • Organizers



Patrocinadores Oficiais • Official Sponsors



Marca Associada • Associated Brand

© Festival dos Oceanos e Elias Torres Feijó

Fotografia • Photography
José Manuel Costa Alves

Tradução • Translation
Language at Work - Liam Burke

Design Gráfico • Graphic Design
Rui Susana

Edição de Texto • Editing
Andrea Cardoso

Impressão • Printing
Eurodois - Artes Gráficas, Lda.

Coordenação e Produção • Production
Ofícios Necessários, S.A.M. Lda.

ISBN
972-98276-5-6

Depósito Legal • Registration Number
154389/00

Tiragem • Print Run
5 000

Lisboa, Agosto 2000 • Lisboa, August 2000
Festival dos Oceanos
Atrium Saldanha
Praça Duque de Saldanha, 3º Piso, Sala N
1050-094 Lisboa